

NÃO PINTCHA

ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Membros do Partido, Governo e Corpo Diplomático saudaram Luiz Cabral

O ano de 1980 será de intensa actividade política

★ Vai ser eleita a III Legislatura da ANP

★ Prioridades para Agricultura
Pescas e Recursos Naturais

«O ano de 1980 vai ser o ano das eleições para a III Legislatura da Assembleia Nacional Popular, de intensa actividade política, por forma a levar o nosso povo a votar conscientemente e da consolidação da democracia nacional revolucionária, em que o povo se sintá parte integrante da vida política», afirmou o camarada Presidente Luiz Cabral, no seu discurso

do fim de ano, numa breve cerimónia realizada no Palácio da República, em que estiveram presentes membros do Partido e do Governo, representantes das organizações de massas e o corpo diplomático acreditado em Bissau.

Após a apresentação de cumprimento ao camarada Presidente e esposa, João Bernardo Vieira, Comissário Principal, realçou no seu discurso,

que publicamos noutro local, a disponibilidade do executivo por ele chefiado, no cumprimento das tarefas do país.

Na cerimónia, intervieram, igualmente, o secretário-geral da UNTG, José Pereira e o embaixador da União Soviética, V. Semenov, decano do corpo diplomático na Guiné-Bissau.

(Ver noticiário no Pág. 8)



Nino Vieira agradeceu a Luiz Cabral o apoio que tem dado ao executivo estatal.

CNG aprova programa de actividade partidária

O Conselho Nacional da Guiné do PAIGC terminou os seus trabalhos no passado dia 28 de Dezembro, com adopção de uma resolução geral. A reunião foi presidida pelo camarada João Bernardo Vieira (Nino), da Comissão Permanente do CEL do Partido e Presidente do CNG, na presença do camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral Adjunto do PAIGC.

O CNG aprovou na generalidade os relatórios

das actividades do Partido e das organizações de massas, apresentado pelo camarada Otto Scharcht, Secretário do Conselho Nacional e pelos Secretários regionais e ainda as conclusões da reunião realizada em Bissau de 17 a 19 de Dezembro. Um projecto de plano de actividades partidárias para 1980, foi igualmente aprovado.

Os referidos relatórios que continham medidas

para melhorar o funcionamento do Comité Permanente e do Secretariado do CNG, recomendavam o recenseamento das organizações de massas e o seu enquadramento e a dinamização e criação de outras organizações sociais.

O Conselho Nacional adoptou ainda medidas tendentes a melhorar o funcionamento das estruturas do Partido, nomeadamente os secretariados

regionais, recomendou a realização de visitas de inspecção e de controlo, e felicitou-se pelo projecto da criação da Associação dos Combatentes da Liberdade da Pátria, aprovado pelo CEL na sua última reunião realizada na Praia.

Por outro lado, ouviu os relatórios sobre a política comercial e a campanha agrícola, apresentados

(Continua na Página 8)

Condolências do Presidente para a Frente Patriótica

Por ocasião do trágico desaparecimento do camarada Josiah Tongogara, Comandante Principal das heróicas forças da ZANLA (Exército de Libertação Nacional do Zimbábwe) o camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado enviou o seguinte telegrama de condolências ao camarada Robert Muga,

be, co-Presidente da Frente Patriótica do Zimbábwe.

«Os militantes do nosso Partido, os Combatentes da Liberdade da nossa Pátria juntam-se a mim para exprimir à Frente Patriótica e a todo o povo do Zimbábwe a profunda dor que sentimos pela grande per-

(Continua na pág. 8)



Zimbábwe - A vitória

No final da década de 70, a África registou mais uma vitória na sua longa luta pela libertação completa. No dia 21 de Dezembro, em Londres, assinou-se o acordo de paz que põe termo ao conflito da Rodésia.

Foram precisos sete anos de luta armada heróica, que causou 20 mil mortos mas, finalmente, o povo do Zimbábwe venceu.

Vitória para a Frente Patriótica, que soube encontrar a unidade necessária ao êxito da luta pela independência do Zimbábwe de hoje e de amanhã. Vitória também para os países da «linha de frente» que foram a rectaguarda fiel e segura dos combatentes da liberdade.

HOJE 24 Páginas

Suplementos:

Cultural e Desportivo

Carta ao leitor

No momento em que viramos mais uma página na nossa vida e na nossa luta, porque não reflectir um bocadinho, pensar, como pessoas conscientes, naquilo que fizemos durante o ano de 1979? Costuma-se dizer que «Ano Novo, Vida Nova». Então, para podermos fazer uma vida nova e diferente, temos que reflectir sobre aquilo que fizemos e analisar os nossos erros e sucessos. Só assim é que qualquer indivíduo pode avançar.

Que tal se analisássemos a contribuição que demos para o avanço e o progresso do nosso país? Que tal se vissemos como decorreu o nosso trabalho, as nossas actividades quotidianas em todos os domínios? Porque é que não fazemos uma retrospectiva da nossa vida? Um ano que passa é muito importante. Todo o mundo ficou um pouco mais velho por isso, há o dever de estar um pouco diferente do que o ano passado.

A minha ideia, ao escrever esta carta, é sensibilizar as pessoas, para uma pequena reflexão. Ao pensarmos em nós mesmos, também podemos pensar nas coisas que o nosso Partido e o nosso Governo também fizeram em prol do desenvolvimento deste país.

Eu, após a minha breve análise, posso afirmar que muito do que era possível foi feito. Houve várias realizações a nível económico, social, político e cultural. Pode-se mesmo dizer que vários projectos foram avançados e outros mesmo concretizados, tanto em Bissau como no interior do país. A Educação trabalhou este ano em novos moldes, a Saúde inaugurou, começou a construir alguns hospitais e novos centros de saúde. Aproveitou-se da melhor maneira a ajuda vinda de alguns países e organizações internacionais amigas. Enfim, o Governo não poupou esforços para nos proporcionar uma vida feliz, de paz e progresso.

Por isso, nem nós, nem ninguém deve parar. A palavra de ordem é «pintchar». Temos que ter a consciência clara que muito falta ainda fazer, ou se formos mais realistas devemos dizer que «nada foi feito», porque desenvolver um país são precisos muitos anos, muito trabalho e bastante sacrifício de todos.

Pegar duro no trabalho, produzir cada vez mais, melhor e com menos gastos, terá que ser sempre o nosso lema. Vamos fazer de 1980 mais um ano de realizações a todos os níveis. O país, precisa do trabalho de todos.

LORAC ACESNOF

Novos preços para produtos agrícolas

Foram fixados pelo Comissariado de Estado do Comércio, novos preços de compra e venda dos produtos agrícolas, nomeadamente, cereais, oleaginosas, tubérculos, legumes e, produtos do reino animal.

O arroz em casca passará a ser comprado ao agricultor por 8,50 pesos o quilo, em todo o país. O arroz corrente, no interior, será a 7,50, nos centros comerciais do interior, 7,70; na região de Bissau, 7,80 e no porto de Bissau, sobre embarcação, 8 pesos. O arroz de produção local descascado manualmente, será comprado a 14 e vendido

a 16 pesos, em todo o país, e este produto seleccionado será comprado por 8,50 pesos. O extra-jambará, o extra, o corrente e a trinca passarão a ser vendidos a grosso por 26,50, 21; 17 e 13 respectivamente e ao público por 27,50; 22; 18 e 14 pesos.

Por outro lado, o milho basil comprado a 6 será vendido a 7,50 pesos, o milho preto a 7,50 e 9 e o sorgo comprado a 9 e vendido a 11 pesos.

A mancarra em casca passará a ser comprado em Bissau por 8,20, nas zonas de muita produção por 7,80 e no resto do país por 7,50. A mancarra

de sementeira de primeira qualidade será adquirida ao produtor a 10,50 e de segunda qualidade por 8,50.

Os rícinos no interior passarão a custar 4,50 e em Bissau 5 pesos. O conote descascado a 5,50 e a 6, a castanha de cajú a 6 e 7 pesos, o gergelin a 8; 8,20 e 8,60 pesos, as sementes de purgueira serão a 4,50 e 5 pesos o quilo, e o algodão de primeira qualidade custará ao comerciante 12,50 e de segunda 8,50 em todo o país.

A mandioca fresca e seca passarão a ser comprados ao camponês por 5, 6 e 7 pesos e a batata

doce será comprado a 6,50 o quilo e vendido a 8 pesos.

A abóbora, fava verde, feijão congo, feijão frade, feijão pedra, feijão manteiga e feijão branco, serão comprados por 4; 20; 17; 8; 7,50; 20 e 25 e vendido ao público consumidor por 5, 27,50; 20; 10; 17,50; 25 e 30 pesos respectivamente, em todo o território nacional.

No entanto, a ostra será comprada a 80 pesos o quilo e o mel comprado a 15, vendido a grosso por 17 e ao público por 20 pesos.

Teatro infantil apresentado por crianças de Bissau

Enquadrado nas comemorações do encerramento do Ano Internacional da Criança tiveram lugar, no salão do III Congresso, nos dias 27, 28 e 29, de Dezembro, sessões de teatro infantil, organizado pelo Comissariado de Estado da Educação Nacional e o «Comité Nacional para o Ano Internacional da Criança».

A peça intitulada «Os animais cansaram-se de viver no mato... e vieram para a cidade» foi apresentada pelo grupo teatral infantil da Escola «Godofredo Vermão de Sousa» sob a direcção de Mónica Barbieri. As máscaras foram feitas pelos alunos da Escola «Amizade Guiné-Bissau/Suécia» e o guião, de criação colectiva, foi elaborado com base nos tex-

tos de alunos das escolas António José de Sousa, Revolução de Outubro, 19 de Setembro, Ernesto Cne Guevara e Combatente Desconhecido.

Esta peça infantil conta-nos que, os animais cansados do mau trato, excessivo trabalho e da escassa alimentação a que eram submetidos pelos seus donos e, deixando-se levar pelos rumores de que na cidade tudo é

melhor, decidiram libertar-se e viajar para Bissau. Uma vez na cidade, experimentaram além da liberdade, a sensação de encontrar-se num mundo organizado por outros e para outros, ou seja um ambiente que lhes era completamente alheio e hostil. Por esse facto, resolvem regressar ao seu meio (o mato), conservando a sua jovem liberdade e organizando-se para mantê-la.

Campanha contra a cegueira

A direcção geral da Saúde Pública leva a efeito, dentro de alguns dias, uma campanha de dois meses, de luta contra a cegueira, com a colaboração de um grupo de médicos portugueses.

A campanha será orientada pelo professor, dr. Ferraz de Oliveira. A iniciativa enquadra-se no plano de luta contra doenças predominantes em algumas regiões do país.

Conselho de Estado

Sob a presidência do camarada Presidente Luiz Cabral e, na presença da maioria dos seus membros, reuniu-se na passada quinta-feira, à tarde, no Palácio da República, o Conselho de Estado.

Nesta sua reunião, o Conselho analisou o pedido de clemência apresentado pelo réu José Adriano Correia que foi julgado em Bolama, pelo Tribunal Militar Superior por crime de violação de duas menores, de 2 e 9 anos de idade e, condenado a pena de morte por fuzilamento.

Após ter analisado profundamente a questão, o Conselho de Estado decidiu por unanimidade não conceder a graça.

Responde o povo

Quais foram os acontecimentos mais importantes para si em 1979?

O «Nô Pintcha» saiu hoje à rua para auscultar os seus leitores sobre a maneira como encaram o ano de 1979, dos seus planos e projectos, das vitórias que conseguiram alcançar, dos dissabores e dos bons momentos que passaram. Também tivemos a oportunidade de perguntar quais foram os acontecimentos mais importantes no decorrer deste ano. Apresentamos algumas respostas.

Ernesto Tavares Menezes D'Alva — 22 anos
Realmente existiram acontecimentos deveras importantes em 1979. No plano nacional, para mim há a destacar a conferência da JACC, que foi uma etapa decisiva na vida

desta organização. Apesar de ser sómente convidado, assisti, e vivi todos os problemas expostos.

No plano internacional, posso salientar o caso Iraniano, dado a sua vergadura.

Por outro lado, em relação a 1980, tenho inúmeras perspectivas resultantes precisamente deste ano que finda. Irei continuar os meus estudos em Portugal, e espero ter sempre bons resultados.

QUEDA DO IMPERADOR Faustino Estevão da Cruz Sampaio — 21 anos de idade —

«Um dos acontecimentos importantes para mim neste ano de 1979, foi sem dúvida, as comemorações do XX aniversário

do massacre de Pindjiguiti, que aos olhos de toda a gente, atingiu grandes proporções. A conferência da JAAC foi igualmente importante, mais um passo, seguindo as directrizes traçadas pelo nosso Partido, PAIGC. 1979 foi também importante por ser o Ano Internacional da Criança.

No aspecto da política internacional, de salientar a queda do imperador Bokassa do Império Centro-Africano e o problema do Irão.

Na minha opinião, este ano, foi um ano de várias vitórias, não só no âmbito nacional como internacional.

ANO DE AZAR

Bacar Sambú — 37 anos — condutor.

«Bem... este ano, não foi formidável para mim. O azar começou, quando tive um acidente de viação e estive longo tempo hospitalizado. De política não falo, pois não sei absolutamente nada.

ANO DE VITÓRIAS

Rita Mendes dos Santos — 30 anos

Um dos acontecimentos que me marcaram este ano, foi a perda dos meus filhos, o que lamento profundamente.

Fora isso, eu que vivo há 10 anos na Guiné-Bissau, considero este ano ótimo, recheado de vitórias, a nível político e não só.

Embaixador da Gâmbia entregou credenciais

O camarada Aristides Pereira, Presidente da República de Cabo Verde, recebeu as cartas credenciais do embaixador da Gâmbia, Bakari Barbo.

Na alocução, o diplomata sublinhou a necessidade de se desenvolver a cooperação entre os dois países, que são membros do Comité Inter-Estados de Luta contra a Seca no Sahel e da CEDEAO.

ACORDO COM A CHINA

Por outro lado, um acordo para a construção de um palácio da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde, foi assinado entre o governo caboverdiano e a China. O futuro palácio terá uma sala de conferência com 220 lugares e uma polivalente com 82, além de 20 apartamentos. Será construído próximo da Praia, capital de Cabo Verde.

O projecto hidro-agrícola do Tarrafal, é um plano ousado de fornecimento de água às populações e de irrigação de 600 hectares para a exploração de culturas de subsistência e de exportação, através da abertura e exploração de 50 furos e numerosas galerias, construção de 10 barragens, dezenas de diques de retenção e de conservação de solos, quilómetros de arectos e de banquetas cujo financiamento está já em boa parte garantido pela USAID — Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional — e pelo Governo caboverdiano.

O projecto tem como objectivo a defesa e a conservação de solos. Estão a ser formados nos Estados Unidos, quadros especializados em vários domínios.

No Tarrafal prestam já o seu contributo valioso camiões — sondas — perfuradoras (só um destes camiões e o compressor necessário para os trabalhos custaram 12 mil contos), carros ligeiros, carrinhas de transporte múltiplo, tractores e inúmeros tubos perfuradores para abertura de furos e de galerias, todo o material para a prospecção geológica, stocks para toda esta maquinaria e todas as infra-estruturas de apoio oficial.

QUASE 2 MIL EMPREGADOS NAS AREAS IRRIGADAS

Mil e oitocentos postos de trabalho virão a ser criados pela irrigação de 600

hectares no projecto do Tarrafal; 200 na Achada Grande; 250 na Achada Tomás e 150 no Chão Bom, em extensão do actual campo Agro-Pecuário «Titina Silá». Parece desde já natural que se venham a explorar culturas de subsistência (víveres e legumes) e culturas gradualmente introduzidas.

Cinquenta furos de prospecção de águas subterrâneas serão abertos nos perímetros a trabalhar, 10 barragens irão sendo erguidas num período ainda indeterminado, a água retida nas barragens permitirá uma infiltração considerável e uma recarga constante dos lençóis de água subterrâneos e utilizando somente a força da gravidade, descerá até às Achadas então favorecidas com o precioso líquido produtivas e verdejantes.

As Achadas Grande e do Fontão e o alargado Campo «Titina Silá» verão aumentados a sua produção intensiva de cereais, as pastagens e a consequente produção de carne e leite para o esperado abastecimento de produtos agrícolas e pecuários, de ovos, legumes e outros verdes à Calheta, ao Chão Bom e à vila do Tarrafal, estância turística e de repouso que, segundo coordenadas já começadas a delinear pelas instâncias superiores de turismo, serão particularmente volta-

Muitos braços no projecto hidro-agrícola do Tarrafal

das para as necessidades do caudal de veraneio nacional.

Um inquérito de Força de Trabalho foi recentemente levado a cabo no Tarrafal por funcionários nacionais com a assistência de um técnico cooperante; com o objectivo de obter o máximo de dados sobre as condições de vida e de trabalho nas futuras zonas de implantação do projecto. A preocupação é de estudar a tempo todas as alterações produzidas com a concretização do projecto agrícola do Tarrafal e ir delineando as formas de exploração e de organização correctas, que, segundo alguns especialistas, deverá levar à constituição de cooperativas de produção.

500 trabalhadores estão já diariamente ocupados na execução do projecto. Há um coordenador dos trabalhos do campo, auxiliado por outros técnicos e dois especialistas norte-americanos em sondagem de águas, que vão operando a formação de técnicos locais.

O QUE JÁ SE FEZ

Dos primeiros trabalhos foi a construção de todas as infra-estruturas de apoio — oficinas de carpintaria e de mecânica agrícola, de toda a maquinaria, armazéns de peças e materiais, hangares de recolha de materiais

e de equipamento, todo o mobiliário, escritório e estação de abastecimento de combustíveis

Levantamentos topográficos em escalas até hoje nunca executados em Cabo Verde foram inicialmente concretizados. Fez-se o levantamento em escala 1/2500: zonas a irrigar na Achada Tomás (140 hectares); o levantamento à escala 1/500 dos locais de implantação de barragens nas zonas de Fontão e Cincho, Garça e Grande (oito barragens); levantamento à escala 1/2 500 do perímetro molhado de todas as zonas de implantação; levantamento à escala 1/2 500 do dique móvel que muito possivelmente virá a implantar-se no Chão Bom. Estruturas e levantamentos topográficos começaram a ser feitos em Dezembro do ano passado.

CONSERVAÇÃO DE SOLOS

A conservação de solos teve início em Janeiro do corrente ano. Procede-se a partir de então, à construção intensiva de diques de correcção torrencial nas bacias hidrográficas das ribeiras do Fontão, Cincho, Grande e Garça — 96 diques

com sete mil duzentos e três metros de pedra solta.

Construíram-se 1600 metros de arectos (muros de pedra solta na curva de nível), 9 mil metros de banquetas e outros dispositivos anti-erosivos na sub-bacia do Cincho (zona piloto para ensaio de técnicas anti-erosivas), onde cinco metros diferentes estão a ser testados em 15 hectares.

Plantaram-se 4500 árvores; acácias, sobretudo; na sua sub-bacia do Cincho e na zona do campo agro-pecuário «Titina Silá». Repararam-se todos os diques destruídos ou danificados, que haviam sido construídos em 1978 no Fontão, no Cincho e na Garça.

No domínio da prospecção de águas e de sondagens, um furo com 224 metros de profundidade e oito polegadas de secção está já executado, faltando-lhe apenas a determinação do caudal e o entubamento. Novo furo vai já nos 30 metros de profundidade numa média prevista dos furos no Tarrafal de ordem dos 150 metros.

Dez furos com a profundidade média de 40 metros foram já executados para a prospecção geológica, com o objectivo de se conhecer eficazmente a natureza geológica das zonas de implantação das barragens e dos terrenos ao longo do perfil das águas futuramente reservadas.

Luta é uma condição normal de todos os seres no mundo

Explicado em termos simples o que é a unidade (tema que Cabral retoma mais tarde, depois de falar da luta, para juntar unidade e luta e aplicá-la à situação do nosso povo na Guiné e Cabo Verde), o camarada Fundador da Nacionalidade perguntou aos camaradas participantes no seminário de quadros: O que é a luta?

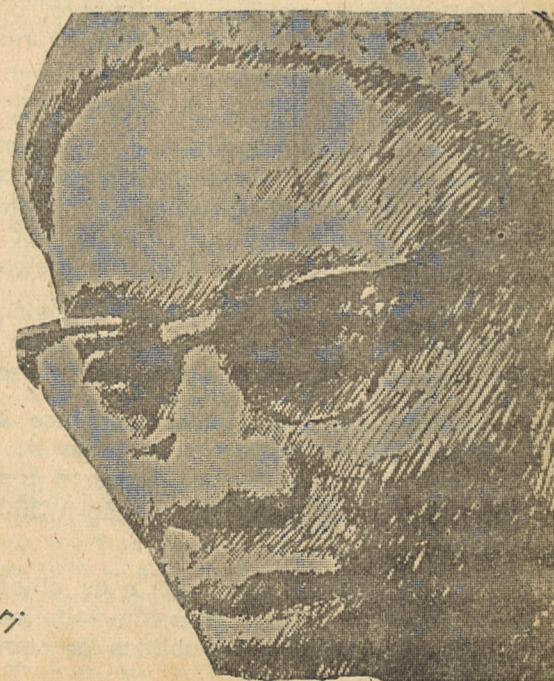
Ele próprio se encarrega da resposta. Uma resposta que hoje principia a ser dada através do texto que reproduzimos, e continuará a ser desenvolvida durante os três próximos números. Como sempre, trata-se da tradução em português a partir das gravações, em crioulo, realizadas no Seminário em 1969.

«Luta é uma condição normal de todos os seres do mundo. Todos estão em luta, todos lutam. Por exemplo, vocês estão sentados em cadeiras, eu estou sentado nesta cadeira, isto é um exemplo: o meu cor-

po está todo a fazer força sobre o soalho, através do banco que está em cima dele, mas se o soalho não tivesse força suficiente para me aguentar, eu ia para baixo, furava o soalho e se de baixo do soalho não houvesse uma força,

continuava a furar, e por aí fora. Portanto, há aqui uma luta silenciosa entre a força que eu exerço sobre o soalho e a força do solo que me mantém em cima, que não me deixa passar. Mas vocês todos sabem que a terra está sempre em movimento de rotação. Se vocês puserem um prato a girar, em movimento de rotação e se puserem uma moeda por cima, verão que o prato empulsa a moeda. Quem usar uma funda para espantar os corvos ou os pardais, como se faz na Guiné ou em Cabo Verde, com uma pedra, sabe que, quando puser a pedra na funda e der voltas

e voltas, não é preciso arremessar, basta largar uma ponta da funda e a pedra sai com uma força enorme. O que é preciso é ter uma boa pontaria para se poder fazer o que se quiser para saber o momento em que se deve largar a pedra. Quer dizer, tudo aquilo que gira, na área em que gira, desenvolve uma força que arremessa as coisas para fora. Portanto nós todos que estamos sobre a terra, que gira, estamos sempre a ser repelidos por uma força que nos empurra para fora da terra, que se chama força centrífuga — que nos empurra do centro para fora.



Cabral ca muri

Ano de austeridade e de realizações

1979, foi caracterizado como um ano de austeridade económica e de equilíbrio orçamental. Podemos, por exemplo, ver que a Assembleia Nacional Popular, decidiu propôr a revisão constitucional, elaborar o primeiro orçamento de investimentos de 3,5 milhões de pesos. Foi exigido um controle rigoroso de bens do país, restringir os gastos em viagens ao estrangeiro e racionalizar o aproveitamento dos quadros nacionais. A ANP, na sua sessão deste ano, aprovou o orçamento de Estado, limitou a concessão de licenças de pesca a barcos estrangeiros, fixou o imposto mínimo de reconstrução nacional em 600 pesos, tendo sido dada prioridade o apoio aos camponeses para que possam produzir mais e para que o Complexo de Cumeré possa começar a trabalhar normalmente.

Pode-se dizer, também, que 1979 foi o ano das realizações. Havia muitos projectos preparados que, à medida das possibilidades do Governo foram realizados, embora outros tenham ficado para trás. Além disso, outros projectos foram iniciados nos domínios da indústria, construções de estradas, pontes, aeroportos, telecomunicações, escolas, hospitais, hotéis etc.

O camarada Presidente inaugurou a linha de montagem da Citroen, o centro avícola de Ilondé, com mil pintos obtidos da incubadora de 25 mil ovos oferecidos por Cuba, a Semapesca, virada para exportação, enquanto que o Comissário Principal inauguraria os supermercados da Socomin e as Galerias D'Amura. O camarada Comissário Principal, Ni no Vieira, inaugurou também o Hospital de Catió e a ponte de Empada. Saliente-se que numa das suas viagens ao interior, o camarada Luiz Cabral, anunciou vários projectos de desenvolvimento do sul, nomeadamente, a abertura de furos e construção de estradas. No campo das infraestruturas, a Junta Autónoma dos Portos construiu pequenas pontes no interior do país.

No plano agrícola impunha-se uma planificação séria. Por isso, os técnicos do desenvolvimento rural reuniram-se em Conferência, reconhecendo que a falta de abastecimento contribui para a queda da produção. O Conselho de Comissários concede um crédito de mil contos aos agricultores, antigos comba-



Aquando da sua visita privada à Itália, o camarada Presidente encontrou-se no Vaticano com o novo Papa João Paulo II

tentes da liberdade, com amortização sem juros. Mais tarde os técnicos do arroz voltam a reunir-se. Em Gambiel, o povo trabalha duramente para abastecer Cumeré e, por sua vez, os agricultores avaliam em Bachil, os projectos pilotos de extensão rural.

Ainda neste domínio, recorde-se que foram recuperadas várias bolanhas. Mas, o que origina quase que uma grande catástrofe, foi a falta de chuva durante este ano, o que levou a Guiné-Bissau a pedir ajuda à Comunidade Internacional e a criar um Gabinete de Planificação e Coordenação da Ajuda Externa. Mas, a agricultura, não parou. Por exemplo, o povo de Bliquisse comprou as primeiras britadeiras a fim de melhorar as condições de vida.

Foi dado um passo para o ensino superior. Criou-se a Escola Média de Direito, a Escola de Educação Física e Desportos e, decorre o curso de economia intensiva, ministrado por professores universitários.

Por outro lado, para fazer face à crise económica mundial, o Conselho de Comissários decide o aumento do preço do combustível. Por sua vez, o Governo da Guiné-Bissau, preparou um plano para o melhoramento da energia eléctrica, no valor de um milhão e 350 mil contos que será aplicado em sete anos.

Seguindo os princípios e os objectivos do PAIGC, os Governos da Guiné-Bissau e Cabo Verde tudo têm feito para a concretização da Unidade entre os dois países, seguindo a política de complementaridade. Assim, realizaram-se,

(Continua na página 6)

PAIGC – criação d

O PAIGC está a cumprir a sua difícil missão que a História lhe confiou: a de conduzir o nosso povo para a libertação de todas as sequelas do colonialismo e atingir a independência económica.

Em cada ano que passa, o Partido dá novos passos no sentido de se transformar cada vez mais num verdadeiro Partido de vanguarda do povo da Guiné e Cabo Verde.

1979 foi, o ano de reajustamento e de implantação de novas estruturas, necessárias nesta nova fase da luta. Assim, o CEL que se reuniu em Novembro, na Praia, decidiu propor ao CSL a criação do seu Secretariado. Foram criados, os Comités Supranacionais da Juventude e das Mulheres guineenses e caboverdianas. O CEL examinou ainda a elaboração da primeira Constituição da República irmã de Cabo Verde e a revisão constitucional na Guiné-Bissau.

Em Março, reuniu-se em S. Vicente, o CSL do Partido, que passou em revista os principais problemas que o PAIGC enfrenta neste momento. A reunião foi precedida de uma outra do CEL. O órgão máximo do nosso Partido no intervalo dos dois congressos reuniu-se extraordinariamente, em Bissau, (Julho) e discutiu sobre a instituição de patentes nas nossas FARP.

A terminar o ano de 1979, o CNG reuniu-se para discutir os problemas que dizem respeito

à vida do Partido e do Estado. Na sua anterior reunião em Abril, o CNG abordou, entre vários outros, os seguintes pontos: a realização de seminários de divulgação das decisões do III Congresso nas regiões, a constituição dos Comités de Sector e de Base, e a

foi comemorado o Simpósio Interno sobre Pindjiguiti e cerimónias culminaram a inauguração do monumento que, no Presidente Luiz Cabral um farol de inspiração no nosso combate. Nessa ascensão, os mortais dos Heróis



Os Presidentes Luiz Cabral, Aristides Samora Machel e Manuel Pinto da Costa — a busca de novos caminhos de uma luta co

definição dos critérios que reconhecem os militantes das antigas zonas libertadas.

O PAIGC organizou ainda vários cursos de superação política e ideológica e de formação de militantes. Foram realizadas conferências regionais e sectoriais e inscrições de militantes, em todas as regiões.

O 3 de Agosto, o marco estratégico na luta contra o colonialismo,

nais foram transferidos para a Amura, em

Por outro lado, lha-se intensamente dar o brilho que m um outro grande cimento na luta de ção — o Congresso Cassacá. Ele comp 80 o seu 16º aniversário e um Monumento perpetuar os feitos PAIGC, vai ser erguida naquela tabanca histórica.

No plano interno o PAIGC participou em várias conferências

A queda dos

A queda de ditadores ou de tiranos sanguinários no Irão, Kampuchea, América Latina e África marcou incontestavelmente o ano findo, suscitando a esperança dum mundo novo, onde os povos poderão dispôr de si mesmo, e traçar com as suas próprias mãos o seu destino, sem ingerências estrangeiras.

O Xá no Irão, Pol Pot no Kampuchea, Anastasio Somoza na Nicarágua, Idi Amin Dada no Uganda, Macías Nguema na Guiné-Equatorial e Bokassa, na República Centro-Africana caíram, vítimas das suas arbitrariedades contra os seus próprios povos, e das relações de subordinação aos interesses estrangeiros que teceram

durante os tempos que estiveram no poder.

A corrupção, a traição aos interesses nacionais, o fascismo e o obscurantismo é que foram rejeitados com a queda desses regimes onde, no entanto, o povo — que desempenhou sempre o papel catalizador — nem sempre ficou a ganhar, como acontece na República Centro-Africana.

No dia 16 de Janeiro, Mohamed Reza Pahlavi, xá do Irão, deixa o país para o exílio depois de 37 anos dum reinado feroz, absolutista, vencido pela cólera popular, inflamada por um «velho» de 79 anos, o ayatola Komeiny. Nem o apoio imperialista, nem o arsenal bélico que entulhava o país, enquanto

o povo morria de fome nem a brutal Savalia (cia secreta) puderam impedir o surgimento do novo Irão, que mantém o pacto da CENTO, reforça o Movimento dos Não Alinhados, isola os regimes da África do Sul e fortalece a Resistência Palestiniana e a frente anti-imperialista no

A 7 de Janeiro, triotas apoiados pelo nam heróico, põem um regime sanguinário no Irão. Pol Pot que eliminou o terço dos oito milhões de habitantes, transferiu o comando do Kampuchea para o vasto «campo de lho».

Em Julho, a luta pela liberdade em Dezembro 1974 pela Frente Nacionalista de Libertação

novas estruturas

tantes e muitas delegações visitaram diversos países, sobretudo da comunidade socialista. Destes países acolhemos visitantes no quadro da cooperação e de trocas de experiências. Realizaram-se sessões políticas de solidariedade com a SWAPO e a OLP.

lógica e a coesão interna. Foram ainda eleitos a Comissão Nacional e o seu Secretariado.

A Comissão Nacional já reuniu por duas vezes, realizou a Semana da Juventude guineense e criou o Comité Juvenil de Solidariedade. A nossa organização juvenil levou ainda a cabo outras realizações tais como a Semana de Amizade JAAC-Komsomol na Quirquiza, na URSS e assinou acordos de cooperação com as juventudes da URSS e da RDA. E, a terminar o ano, lançou uma campanha de rectificação das suas estruturas. Os quadros da Organização dos Pioneiros Abel Djassy, realizaram a sua primeira conferência nacional em Dezembro.

UNTG

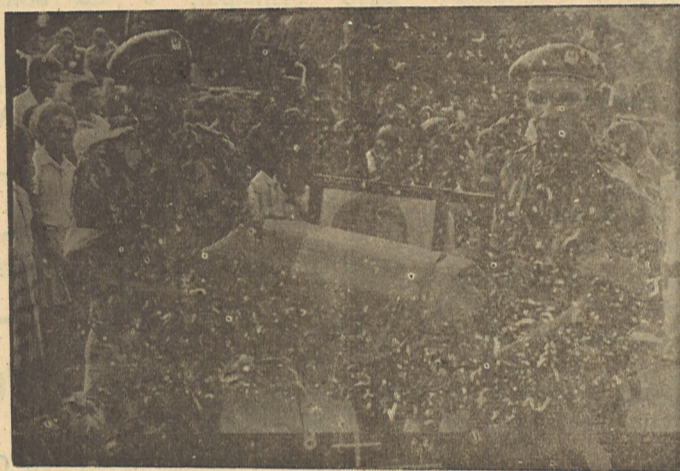
A UNTG, Central Sindical única dos nossos trabalhadores, fez um 1º de Maio de «djunta mon» para a Reconstrução Nacional e realizou vários seminários sobre diversos temas. Se tivesse sido realizado o I Congresso, esta organização fecharia o ano com chave de ouro. Mas, por razões várias, isso não aconteceu e o I Congresso da UNTG terá lugar em Abril de 1980.

AS MULHERES

A Comissão Feminina do PAIGC passou à Co-

missão Nacional das Mulheres da Guiné, na I Assembleia das Mulheres Foram tomadas outras medidas, como por exemplo, a luta pela eliminação das ideias anti-emancipação e a eleição da Comissão Nacional e do seu Secretariado. As nossas mu-

lheres têm agora o seu dia nacional. 30 de Janeiro. Por outro lado, foi organizada a Semana Titina Silá, em homenagem às nossas heroínas e a C.N.M. levou a cabo uma série de reuniões no interior do país, a fim de consolidar as estruturas da organização.



A foto de cima apresenta um aspecto da transladação dos restos mortais dos nossos Heróis Nacionais, para o mausoléu da Amura, em 3 de Agosto e a de baixo, um deputado usando da palavra numa sessão de debate da Assembleia Nacional Popular



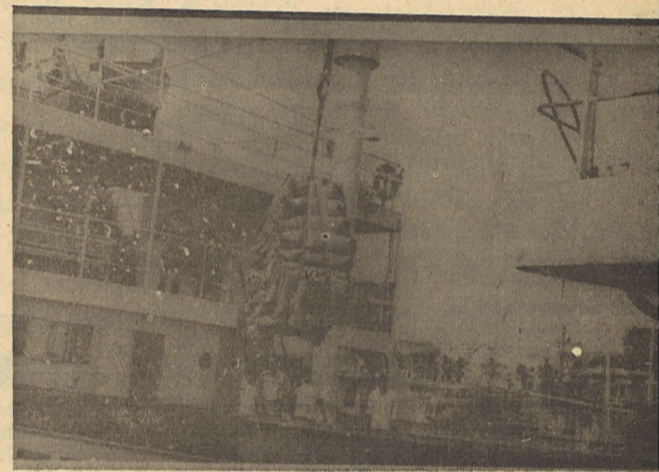
ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

Para as organizações de massas, o ano de 1979, foi sem dúvida o da implantação de estruturas. Em suma, um ano de vitórias. A JAAC realizou a sua primeira conferência nacional, onde aprovou decisões que visam o desenvolvimento das actividades na perspectiva de consolidar a unidade ideol-

Cooperação

Um saldo positivo

Fazer o balanço da cooperação, durante o ano findo, uma tarefa que leva a perscrutar as inúmeras insuficiências que esbarram o processo de desenvolvimento do nosso país. Contudo, os resultados comparativos levam a afirmar que o saldo foi positivo, levando-nos a sublinhar o apoio concedido pela comunidade internacional. No quadro do apoio que Guiné-Bissau recebeu, resalta a prontidão com que muitos países acudiram ao apelo lançado pelo nosso Governo, para superar a crise em que a seca mergulhou o país. Este aspecto merece realce, se atendermos ao facto que permitiu enfrentar o desequilíbrio da balança comercial que se supõe em 40 por cento negativo.



Alguns países, como por exemplo, a Holanda, aumentaram substancialmente a sua ajuda à Guiné-Bissau durante o ano 79. A Suécia, assim como a maioria dos países escandinavos, marcaram a sua posição, como tem sido a sua tradição. Do mesmo modo, estreitaram-se os laços com os países socialistas cuja colaboração já vem desde os tempos da revolução armada.

A cooperação com Portugal ganhou este ano um impulso e foram traçados novos caminhos, aquando da reunião da comissão mista luso-guineense.

A visita do camarada Presidente Luiz Cabral aos países da CEE, foi um sucesso e mais do que isso, o reconhecimento dos valores que norteiam a nossa política internacional. A Guiné-Bissau recebeu desses países, um contributo considerável, sem falar da ajuda de organismos internacionais. Registemos ainda, que, durante o ano que passou, vários acordos de cooperação foram celebrados.

iranios

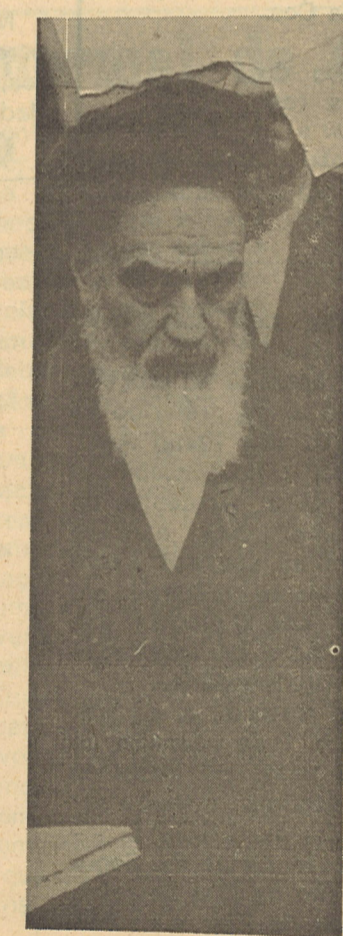
nal, aglutinou todo o povo da Nicarágua numa insurreição vitoriosa que pôs termo a 43 anos da ditadura dos Somozas, o regime mais impopular na América Latina, e abriu novas perspectivas às lutas populares na América Central, que se reflectiria posteriormente nos acontecimentos do Salvador.

Em Abril, patriotas ugandeses e tropas tanzanianas limpam a vergonha da África, varrendo do cenário político, a figura caricata de Idi Amin Dada, que em oito anos de poder massacrara 300 mil ugandeses, e desorganizara por completo a economia do país.

Em Agosto, a Guiné-Equatorial que vivia isolada de África e do resto

do mundo, volta a sorrir com a queda do ditador Macías Nguema, dono absoluto do país durante 11 anos, executado um mês depois. Terminava assim o regime mais sanguinário do nosso continente. Mais dum terço de exilados num país de 300 mil habitantes, 40 mil desaparecidos, tal é o balanço dum regime destituído de toda a ideologia.

Em Setembro, a vitória do povo centro-africano, das suas crianças torturadas é roubada por um grupo de políticos oportunistas, que arredam o louco palhaço Bokassa do «trono», depois dele ter massacrado centenas de alunos e roubado milhões de contos com os quais vive num exílio regalado na Costa do Marfim.



Komeiny o homem do ano

Profeta e guia secular, homem de deus e hoje senhor dos destinos de 34 milhões de iranianos de maioria chiita, o ayatola Ruhola Komeiny marcou com um traço imperioso o ano de 1979. Há um ano, o seu nome ressoa no mundo e muitas capitais interrogam-se ansiosamente sobre as suas próximas iniciativas, acerca do desenvolvimento da sua política simultaneamente decidida e imprevisível.

Alto, ligeiramente curvado, uma barba branca devorando uma cara simultaneamente intensa e calma, o velho chefe chiita (80 anos de idade) tornou-se, em menos de um dos chefes políticos mais conhecidos do mundo.

Este chefe religioso, que usa um turbante negro dos descendentes do profeta, perfeitamente senhor de si, do seu pensamento, da sua linguagem, pode parecer a uns como um fanático frio e calculista e a outros como um libertador. Mas, é para todas as pessoas, o homem do desafio ao Ocidente «materialista e dominador».

O seu primeiro acto, ao subir ao poder, aclamado por multidões imensas e delirantes, foi proclamar uma guerra ideológica e política contra os Estados Unidos, símbolo da «corrupção Ocidental». Nos últimos dias do ano, não hesitou em prever que a actual confrontação irano-americana poderia degenerar numa «guerra militar».

Hoje, no apogeu do seu poder, o iman (título dado aos primeiros chefes do maometanismo chiita), Komeiny aplica finalmente a doutrina que forjou durante os 16 anos dum exílio ascético. Expulso do Irão em 1963, refugiou-se no lugar santo do islão chiita, em Nadjaf, no Iraque. Em Outubro de 1978, o governo de Bagdad convidou-lhe a abandonar o território iraquiano, a pedido do xá. O ayatola recebe então autorização do governo francês para residir na modesta localidade de Neauphle-le-Chateau, perto de Paris.

Já imensamente popular junto das multidões iranianas, as quais surge como o porta-bandeira da revolta contra o xá Reza Pahlavi, Komeiny é ainda apenas um chefe espiritual, um inspirador religioso e não ainda o homem do destino. Três meses depois, ele é o dono do Irão. A sua chegada a Teerão a 1 de Fevereiro de 1979 — dizer que foi triunfal é pouco — varreu dum só golpe o que restava do regime imperial, depois do exílio do xá, 15 dias antes.

Mas o que vem colocar o ayatola Komeiny mais na boca de todo o mundo é, sobretudo, a prova de forças que iniciou com os Estados Unidos e que culminou, a 4 de Novembro último, com a detenção de 50 reféns na embaixada americana em Teerão, por um grupo de estudantes islâmicos. O embaraço e a aparente impotência dos Estados Unidos para reagir perante este acto praticamente sem precedentes, revelam claramente a capacidade do ayatola de usar todos os recursos que lhe confere o petróleo iraniano e a posição estratégica do seu país. — (FP)

“Uma cartucheira cheia de canções

«Uma cartucheira cheia de canções» é o título do novo disco da Guiné-Bissau editado pelo DEDELD e que se encontra à venda na Casa da Cultura.

Este álbum «long play» contém canções revolucionárias feitas durante a luta de libertação, em crioulo, balanta, fula, mandinga e mancanha, dos compositores-interpretas José Lopes, N'Foré Sambú, Dominik, Sia Cabby, Aliu, N'Famara Mané, N'Fali e alunos da Escola Piloto.

Estas canções revolucionárias, cheias de calor patriótico, traduzem bem a grande confiança que o nosso povo tinha na vitória final sobre o colonialismo, o seu entusiasmo da luta e o seu amor ao

Partido. São também uma manifestação das mudanças que já se viviam no nosso país e provam a imensa capacidade criadora do nosso povo. Muitos dos feitos heróicos dos nossos combatentes, foram cantados e passaram de boca em boca, para se tornarem conhecidos em todo o país.

Do novo álbum podemos ouvir canções como, «Partido Issa Um Bandeira», «Madina Boé», «Sentimento pa Tuga na Guiné», «Cutó Bida Lagartó», «Salazar todji cu Terra», «Terra Sum Banhag», «Unidade e Luta», «Quim Que Tem Terra», Djila Djequere», «Btem dina, Btem Aka», «Viva PAIGC» e «Me lettai Partido Men».

Cinema soviético em Bissau: heroísmo e abnegação, tónicas da semana

Heroísmo e abnegação foram as tónicas dos filmes apresentados na Semana do filme soviético que terminou a 27 passado, com a exibição da película «A Frente sem Flancos», um tema da segunda guerra mundial.

Aliás, as semanas do filme soviético realizadas em Bissau, tenderam sempre recalcar aqueles dois temas.

«O Comunista», «O grande circo», «Entre Alheios», «O Coração da Rússia», «No encalce do lobo», «Onze esperanças» e «A frente sem flancos» foram filmes criados em várias épocas e em diversos estúdios soviéticos, e — à excepção do segundo e do sexto —, as demais películas abor-

daram temas de guerra (civil ou contra o fascismo hitleriano).

Escolhemos «O Comunista», dentre os sete filmes, para comentar. Foi com ele que a 19 se inaugurou a semana do filme soviético, na presença do camarada João Bernardo Vieira, Comissário Principal, e de Inamjon Usmanhodjaev, vice-presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS. Participou, igualmente, na inauguração, a artista soviética Natália Bondartchuk.

«O COMUNISTA»

Realizado por um dos mais famosos cineastas soviéticos, Yuri Raizman, «O Comunista» fala da

guerra civil na Rússia durante a Revolução de Outubro, primando pela nudez e objectividade a toda a prova com que mostra o facto real que foi a fome, flagelo do povo russo desses tempos. A encenação é perfeita quando vemos, no exemplo do encarregado do abastecimento alimentar, ter que trocar os sapatos e as calças por um pedaço de toucinho.

A coragem e a firmeza do povo russo mesmo diante da fome, nos tempos difíceis que se seguiram à revolução, são factores determinantes.

São essas firmeza e coragem que Yuri Raizman transportou para a personalidade do jovem comunista.

«O Coração da Rússia» e «No Encalço do Lobo», são filmes que podemos considerar históricos pois baseiam-se em acontecimentos reais registados nos primórdios da Revolução na Rússia.

Os desportistas tiveram também a sua vez: «Onze Esperanças», sobre o desporto de massas na União Soviética.

E para terminar, no dia 27, foi exibido «A Frente sem Flancos».

Ano de austeridade

Cont. das centrais)

primeiro em Bissau e depois em S. Vicente, a II e a III Conferências Intergovernamentais. Foram elaborados os estatutos e o tratado da Conferência, aprovado o programa para 1980 e assinado o protocolo adicional ao acordo de pagamento. Ainda no âmbito da unidade, foi assinado um acordo de transportes aéreos. Bissau, comemorou o aniversário da independência de Cabo Verde. Ao longo do ano, reuniram-se as comissões mistas das Telecomunicações, Transportes, Planificação, Justiça, Negócios Estrangeiros, além de várias viagens de contactos que foram efectuadas pelos responsáveis dos dois Governos.

Em 1979, ficámos a saber quantos somos, quem somos e como somos através de um recenseamento geral da população que concluiu, que a Guiné-Bissau tem 777.214 habitantes.

Tanto o nosso Partido, como o nosso Estado, seguem uma política de abertura. Nesse quadro fomos visitados este ano por vários presidentes e, o camarada Luiz Cabral e Nino Vieira, retribuíram também visitas de amizade a vários países africanos, asiáticos e europeus. Saliente-se, a visita do Presidente do Conselho de Estado a Angola, S. Tomé e Príncipe e Moçambique, R. P. D. da Guiné, Bélgica, Holanda, Noruega, Suécia, França, Argélia, Jugoslávia, Bulgária e Coreia, além de ter ido em viagem privada a RDA e Itália onde se encontrou com o Papa.

Luiz Cabral participou, também, na cimeira da OUA em Monróvia, da CEDEAO em Dakar, e na Cimeira dos Não Alinhados em Havana. O camarada João Bernardo Vieira, Comissário Principal, visitou, oficialmente, a Jugoslávia.

Por sua vez, fomos honrados com as visitas dos Presidentes Pinto da Costa, de S. Tomé e Príncipe e Ramalho Eanes de Portugal.

A cooperação mais vasta possível entre os países recém-libertados do jugo colonial, foi decidida, na cimeira de Luanda, com a participação dos respectivos chefes de Estado.

Petróleo “explosivo”

O petróleo vendido ao público, nos últimos dias, em Bissau, provocou um morto, três feridos graves, além de casos de ferimentos ligeiros, em consequência de pequenas explosões verificadas, que, segundo se supõe, seriam originadas pela mistura do referido combustível com um líquido inflamável.

Aproveitando-se da escassez do petróleo na capital, um comerciante, do bairro de Mindará, colocou no mercado a perigosa oferta que logo foi esgotada pelos consumidores, que tiveram depois a surpresa, de verem os seus candeeiros explodirem.

Muitas pessoas foram parar ao Banco de Socorros, onde depois dos cuidados médicos, regressa-

ram às suas residências. Entretanto, Domingas Gomes Piedade que fora internada com as suas duas filhas devido à gravidade dos ferimentos, viria a perder uma delas, a mais velha, que sucumbira mau grado os cuidados médicos.

Domingas Piedade explicaria à nossa reportagem que a falecida, encontrava-se a dormir numa cama que foi envolvida pelas chamas após a explosão. As vítimas deste acontecimento inédito confirmaram que o petróleo «fantasma» foi adquirido na taberna de um tal Baba.

A polícia prossegue as investigações sobre o caso, para apurar as responsabilidades deste acto criminoso.

Anúncios

A COMPANHIA DE SEGUROS ULTRAMARINA

SEGUROS

No cumprimento do Decreto-Lei 14/79 promulgado em 21 de Junho de 1979, comunica por este meio a todos os seus segurados que termina a sua actividade seguradora às 24 horas do dia 31 de Dezembro de 1979, transferindo para o Instituto Nacional de Seguros e Previdência Social da Guiné-Bissau todas as responsabilidades emergentes dos contratos em vigor nessa data.

Nesta conformidade, solicita-se a todos os segurados com recibos em débito até 31 de Dezembro, que satisfaçam a sua liquidação até essa data nos escritórios da Companhia de Seguros Ultramarina — Av. Domingos Ramos n.º 28A 1.º Andar direito — Bissau.

Os sinistros pendentes na mesma data (31 de Dezembro) são da responsabilidade da C. Seg. Ultramarina pedindo-se a maior brevidade nas reclamações que houver lugar a fazer, para, dentro das condições contratuais, se procederem às suas regularizações.

O INSTITUTO NACIONAL DE SEGUROS E PREVIDÊNCIA SOCIAL

DECRETO 14/79

Face às disposições do Decreto 14/79 comunica que, a partir das 0 horas do dia 1 de Janeiro de 1980, aceita todas as responsabilidades dos contratos em vigor, procedendo-se à emissão de novas apólices, cujos prémios serão pagos pelos segurados por encontro de contas com os estornos calculados pro-rata respectantes ao tempo que media entre o dia 1 de Janeiro de 1980 e os vencimentos

aos respectivos contratos.

Exceptua-se no procedimento acima referido os seguros dos Ramo Automóveis e Responsabilidade Civil e Acidentes de Trabalho, cuja emissão de novas apólices ficará dependente da entrada em vigor dos Diplomas que definirão a sua Legislação e Obrigatoriedade.

No restante, e, a partir do dia 1 de Janeiro de 1980 todos os assuntos de seguros deverão ser tratados no I.N.S.P.S. — Direcção Geral de Seguros, sito na Rua Severino Gomes de Pina n.º 20B — 1.º Andar em Bissau.

Cinema

«OS SUSPEITOS» — M/18 ANOS.

Nô Pintcha

Trissemanário do Commissariado de Informação e Cultura — Sai às terças, quintas e sábados.
Serviço Informativo das Agências: AFP, PAS, TASS ANOP, Prensa Latina, ANP e Nova China.
Redacção, Administração e Oficinas — Avenida do Brasil — Telef.: Redacção 3713/3728 — Administração e Publicidade, 3726.
Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:

Um ano 700,00 P.G.
Seis meses 450,00 P.G.
Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:
Seis meses 550,00 P.G.
Um ano 800,00 P.G.
Caixa Postal 154 — BISSAU - GUINÉ-BISSAU

Novo regime no Afeganistão

● Antigo presidente fuzilado

Babrak Karmel, antigo vice-presidente, que derrubou o presidente Hafizullah Amin na quinta-feira, anunciou ontem a formação de um novo gabinete no Afeganistão que trabalhará em colaboração

com um Conselho Revolucionário de cinco membros. Segundo a rádio de Kabul, captada em Islamabad, Babrak Karmel, será o presidente da República, Primeiro-Ministro e chefe do Conselho Revolucionário.

O general Mohamed Gulabozai foi nomeado ministro do Interior e Mohamed Rafia ministro da Defesa. Shah Mohamed Deset, antigo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, recebeu a pasta dos Negócios Estrangeiros e Sherjan Mazdor Yar, que fora demitido das suas funções em Setembro último, foi nomeado ministro dos Transportes.

Segundo a rádio Kabul, captada em Nova Delhi, o Presidente Amin que travava uma guerra fratricida contra os insurrectos muçulmanos, foi executado, depois de ter sido reconhecido «culpado de crimes contra o povo afegão». Mesmo assim, o derrube do regime de Amin, que se verificou depois de algumas trocas de tiro em frente ao palácio presidencial, parece ter marcado uma mudança de tática na guerra contra os rebeldes muçulmanos.

Em seguida, a rádio indicou que o Conselho Revolucionário, que dirige o país, exprimiu o seu apoio a Karmel, numa declaração condenando o «regime opressor de Amin».

Nesta declaração, o Conselho Revolucionário exprimiu a sua determinação de restabelecer a liberdade, de criar empregos para os desempregados e fazer comparecer perante os tribunais revolucionários ou religiosos «os homens do regime de Amin». O Conselho prometeu

por outro lado «respeitar direitos de todas as minorias e etnias afegãs», assim como a «santa religião do Islão e da sua comunidade religiosa».

Referindo-se aos últimos acontecimentos no Afeganistão, a agência soviética Tass — declarou que «um poder autenticamente popular, que lutará pela vitória final da revolução democrática nacional,

anti-feudal e anti-imperialista foi proclamado no Afeganistão».

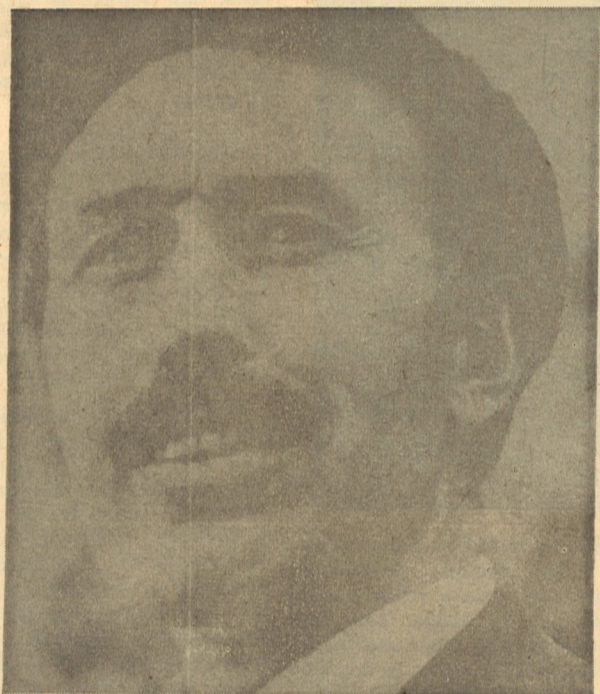
A Tass indicou também que o novo chefe de Estado afegão, Babrak Karmel, declarou que a revolução de Abril de 78 (que derrubou o regime de Sardar Mohamad Daoud), tinha «entrado numa nova etapa, após ter derrubado a clique sangrenta de Amin».

Boumediene: Um programa e um símbolo

Houari Boumediene permanece um programa e um símbolo — escreveu a agência argelina de imprensa, APS, por ocasião da comemoração do primeiro aniversário do desaparecimento do presidente argelino, assassinado na quinta-feira.

O Comité Central do Partido da Frente de Libertação Nacional (FLN), decidiu na quarta-feira, por sugestão do presidente Chadli Benjedid, dar o nome de Houari Boumediene ao aeroporto de Argel e à Universidade de Bab Azzouar.

Desde 19 de Junho de 1965, data da sua subida ao poder, o presidente Boumediene concluiu a reorganização económica do país, dando-lhe o seu verdadeiro lugar no plano internacional, acção que foi finalizada em 1971 com a nacionalização do sector petrolífero — acrescentou a agência.



Afeganistão — uma posição estratégica de grande importância

Frete Patriótica define estratégia eleitoral

As duas tendências da Frente Patriótica do Zimbábue vão-se encontrar brevemente em Dar-Es-Salam (Tanzânia) para elaborar a sua estratégia sobre as futuras eleições no Zimbábue.

Numa entrevista ao jornal tanzaniano «Daily News», Robert Mugabe, co-presidente da Frente, precisou que as duas alas, ZANU e ZAPU, se reuniriam primeiro em Maputo e Lusaka, antes de se encontrarem na capital tanzaniana. Por outro lado, Mugabe reafirmou o respeito da Frente Patriótica pelo cessar-fogo, mas sublinhou que todo o acordo «é baseado na boa vontade».

MORTE DE TONGOGARA

Um comunicado do Conselho de Ministros moçambicano confirmou antontem oficialmente a morte accidental de Josiah Tongogara, chefe máximo da ZANLA (Exército de Libertação Nacional do Zimbábue), principal força de guerrilha da Frente Patriótica.

Segundo o comunicado, Tongogara morreu na quarta-feira de manhã, quando a viatura em que viajava bateu nas trazeiras dum camião perto da cidade de Massinga (província de Inhambane).

Durante uma conferência de imprensa em Lusaka, Jo-

shua Nkomo, co-presidente da Frente Patriótica declarou que Tongogara era «um brilhante estratega militar e um combatente leal». Sublinhou também que «a sua morte verificou-se precisamente no momento em que a Frente Patriótica mais necessita dele, para velar pela melindrosa aplicação do cessar-fogo».

Por seu lado, o jornal governamental zambiano, «Times of Zambia», destacou «o papel essencial desempenhado por Josiah Tongogara nas recentes discussões de Lancaster House sobre o futuro do Zimbábue».

Portugal: fim do governo de Lurdes Pintasilgo

A Primeira-Ministra de Portugal, Maria de Lurdes Pintasilgo apresentou antontem a sua renúncia ao presidente da República, general Ramalho Eanes que a aceitou. No entanto, o seu governo continuará a cuidar dos assuntos de rotina até à posse do novo executivo nos primeiros dias de Janeiro de 1980.

Lurdes Pintasilgo, de 49 anos de idade, solteira, que dirigiu o 11.º governo português depois da Revolução de 25 de

Abril de 1974, foi a primeira mulher a assumir o cargo de Primeiro-Ministro de Portugal. O seu governo durou apenas 149 dias e teve como principal tarefa preparar as eleições legislativas antecipadas de 2 de Dezembro.

Ao deixar o palácio presidencial de Belém, Lurdes Pintasilgo declarou à imprensa que interpreta a vitória da coligação de direita nas eleições de Dezembro como «a expressão do povo

português» e não como uma derrota do seu programa de governo.

Simultaneamente, a publicação na quinta-feira, no diário oficial da República, dos resultados definitivos das eleições legislativas de Dezembro, acionará os mecanismos constitucionais para nomear o futuro Primeiro-Ministro do país, que muito provavelmente será Francisco de Sá Carneiro.

Sá Carneiro, de 45 anos de idade, e presidente do Partido Social-

-Democrata (PSD), principal formação da coligação de direita (AD) que obteve a maioria absoluta das 250 cadeiras do futuro parlamento. O seu governo será o primeiro de direita em Portugal desde 1974.

A distribuição definitiva das cadeiras na Assembleia da República é a seguinte: «Aliança Democrática» (AD) — formada pelo PSD, pelo Centro Democrático e Social (CDS), pelo grupo dos

«Reformados» e pelo pequeno Partido Popular Monárquico (PPM): 121. O PSP tem sete lugares nas ilhas dos Açores, onde a AD não apresentou candidatos comuns.

O Partido Socialista O PSD tem sete lugares Povo Unido (APU), formada pelo Partido Comunista Português (PCP) e pelo Movimento Democrático Português (MDP): 47 lugares. A União Democrática Popular (UDP), extrema-esquerda: uma cadeira. (FP)

TAP DE NOVO EM GREVE

LISBOA — Todos os aparelhos da Companhia Aérea Portuguesa (Air Portugal) encontravam-se imobilizados desde sexta-feira manhã, por um período de 24 horas, a seguir a greve do pessoal da companhia. (FP)

LIGAÇÃO DAKAR-N'DJAMENA

N'DJAMENA — Uma linha aérea Dakar-Ouagadougou-Niamey-N'Djamena será aberta brevemente anunciou Ramat Aikhane ministro tchadiano dos Transportes. O ministro precisou que o estabelecimento desta linha permitirá aos tchadianos que são actualmente obrigados a passar por Paris para irem à África Central, poupar muito. (FP)

PARLAMENTO EM CU

HAVANA — A discussão do trabalho e a atenção a dispensar às queixas das propostas dos cidadãos figuram entre os principais pontos da ordem do dia que o parlamento cubano vai debater esta semana. No decurso do décimo dia de trabalho da Assembleia Nacional do Poder Popular receberá uma informação respeitante ao governo, a seguir a campanha contra a irresponsabilidade e outros males desencadeada no país. (PL)

COLÓNIAS SIONISTAS PALESTINA OCUPADA

— Prossequindo a sua política expansionista e colonialista, as autoridades sionistas de Israel decidiram criar recentemente 6.200 novas colónias nos territórios árabes ocupados. Por outro lado, Israel propõe construir uma nova aglomeração de 2 milhões de apartamentos na zona de Dir Yassine, a oeste de Al Qods (Jerusalém ocupada). (Wafa)

ASSEMBLEIA DA ONU

NOVA YORK — A Assembleia Geral da ONU reuniu-se novamente sexta-feira para a eleição do cargo latino-americano no Conselho de Segurança, o que já motivou o adiamento do encerramento da sessão por três vezes. A eleição do cargo latino-americano no Conselho de Segurança partir de 1 de Janeiro continuava sem definição antontem, após nove novas eleições realizadas na Assembleia Geral, com um total de 139, a decisão entre Cuba e Colômbia. (FP)

O ano 1980 será de intensa actividade política

(Continuação da 1.ª página)

O camarada Presidente Luiz Cabral anunciou no seu discurso, que os sectores de Agricultura, Pesca e Recursos Naturais serão considerados prioritários, por isso, beneficiarão de maior atenção do governo.

A actividade agro-pecuária será orientada para a transformação do campo, de modo a proporcionar, aos nossos camponeses, melhores condições de vida. No próximo ano, serão feitos investimentos para a criação de poçilgas.

Referindo-se aos Recursos Naturais, frisou que vão ser envidados esforços para uma melhor exploração das nossas riquezas.

«Devemos pôr as nossas «águas» ao serviço do desenvolvimento», sublinhou ao falar da pesca, um dos sectores que, a título de exemplo, tinha sido menosprezado pela potência dominadora e que hoje participa com valores apreciáveis no equilíbrio da balança comercial e de pagamentos.

O ano de 1979 marcou o início de estudos económicos dos nossos re-

ursos naturais. A este propósito, o camarada Presidente referiria ao projecto de bauxite que já se encontra numa fase avançada de prospecção.

«Podemos considerar altamente positivo o balanço dos cinco anos de actividade do nosso Governo», considerou o camarada Luiz Cabral, que entretanto, alertou para a necessidade de redobrar a vigilância em todos os sectores da vida política, contra os inimigos do nosso desenvolvimento. O uso abusivo dos bens do Estado e a má conservação dos mesmos mereceram críticas.

No seu apelo para o reforço do rigor na defesa dos bens do Estado e do Partido, o Presidente afirmaria que devemos combater o parasitismo, que muitas vezes está na origem da prática de roubos na nossa capital. «Existem pessoas que vivem actualmente em Bissau às expensas da família, mesmo sabendo que podem dar a sua contribuição no campo», precisou.

No próximo número, publicaremos na íntegra o discurso do Presidente.

OS TRABALHADORES SENTEM-SE OPTIMISTAS

«Apesar de todos os problemas — aliás naturais num país em construção — os trabalhadores da nossa terra, olhando para tudo quanto já fizemos nestes poucos anos sentem-se optimistas e encaram o futuro com confiança», salientou o camarada José Pereira na sua alocução.

O secretário-geral da UNTG afirmaria que no próximo ano, massas laboriosas estarão mais organizadas para corrigir as falhas até aqui dadas e aumentar a produção.

Para além de aspectos meramente analíticos da actividade da organização dos trabalhadores, José Pereira exprimiu no seu discurso as principais preocupações dos trabalhadores guineenses.

Por seu lado, V. Semenov embaixador da União Soviética, intervindo na qualidade de decano do corpo diplomático, manifestaria o seu reconhecimento pela forma como o nosso país aprecia a contribuição dada pelas missões diplomáticas, organizações internacionais e cooperantes de várias nações.

«O Estado da Guiné-Bissau apareceu no ma-

pa político mundial há uns seis anos. Entretanto, a política de paz do vosso país ganhou uma fama externa e profundo respeito não só em África, mas também em outros continentes. Somos testemunhas de que a República da Guiné-Bissau, graças à perspicácia dos seus dirigentes, tornou-se um exemplo verdadeiro da cooperação das nações», sublinhou o diplomata soviético.

Discurso do camarada Comissário Principal

O camarada João Bernardo Vieira proferiu, na cerimónia de apresentação de cumprimentos do Ano Novo ao Presidente do Conselho de Estado, um discurso no qual sublinhou a permanente disponibilidade que caracterizou o cumprimento das tarefas pela equipa governamental durante o ano findo e realçou a cooperação e o método de trabalho que conduziram à resolução e equacionamento de diversos problemas. Transcrevemos na íntegra, a alocução do camarada Comissário Principal.

Camarada Presidente,

Vivemos, sem sombra de dúvida, uma época exaltante de mutações sociais, de progresso científico e tecnológico, à escala planetária.

A Guiné-Bissau, como os outros países africanos, en-

sa das nossas carências naturais, de palavras de entusiasmo e encorajamento para prosseguir a nossa missão. A sua capacidade de equacionar problemas, de descobrir alternativas e desbloquear situações que por vezes nos parecem insolúveis, tem sido para nós um precioso estímulo para a cabal realização das nossas tarefas específicas. Entre o Presidente do Conselho de Estado e os Comissários ins-taurantes, o método de trabalho, de cooperação e, sobretudo, um clima de relações humanas que constituem a mais preciosa garantia de coesão da nossa equipa de dirigentes.

Camarada Presidente,

Para lá dos aspectos protocolares de que se reveste esta cerimónia, é-me particularmente agradável apresentar, em nome do Conselho dos Comissários, os votos tradicionais de Ano Novo ao Presidente do Conselho de Estado.

É uma quadra propícia para lhe renovar, em primeiro lugar, a confiança que o Conselho dos Comissários deposita na pessoa de dirigente, de chefe e militante exemplar. A este sentimento de confiança, associamos a promessa solene de aplicar rigorosamente as orientações traçadas pelo nosso glorioso Partido, imprimindo mais rigor e disciplina aos domínios de acção sob a nossa responsabilidade.

Que 1980 seja um ano pleno de vitórias, paz e progresso para o povo da Guiné-Bissau e lhe traga saúde e felicidade na sua vida pessoal, camarada Presidente Luiz Cabral — são os votos que tenho o prazer de formular, em nome do Conselho dos Comissários de Estado.



Camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, Camaradas membros da Direcção do Partido e do Estado, Senhores membros do Corpo Diplomático, Camaradas,

Aproxima-se o termo de um ano de múltiplas actividades, marcado tanto pela determinação de cumprir as directrizes que nos foram traçadas, como pela permanente disponibilidade de nos colocarmos ao serviço dos interesses do nosso povo. Não é naturalmente aqui o lugar nem o momento de fazer a retrospectiva da acção governamental em 1979, ca-

racterizada por alguns passos seguros que conseguimos dar na via do desenvolvimento nacional equilibrado e na construção do edifício da unidade Guiné-Cabo Verde.

Ao longo da etapa que acabamos de percorrer, em todos os instantes da nossa vida de dirigentes do executivo estatal, tivemos o privilégio de receber orientações esclarecidas e reconforto moral do Presidente do Conselho de Estado.

Alguns dias apenas nos separam do limiar de um novo ano que coincide com o início de uma nova década para a humanidade.

frenta os desafios que a história do mundo determina. Para fazer face a esses desafios que no nosso caso se traduzem pela luta contra o subdesenvolvimento, a doença e a ignorância, é-nos grato saber que contamos com um dirigente da sua estatura ideológica e política, um companheiro dotado de excepcionais qualidades humanas, incarnação do espírito do PAIGC. Em cada um de nós, membros do Conselho dos Comissários de Estado, reside a profunda convicção de que beneficiamos sempre junto da sua pessoa de uma constante compre-

Os Trabalhadores do "Nô Pintcha" desejam aos estimados leitores um Novo Ano de paz e felicidades

Reunião do CNG

(Cont. da 1.ª pág.)

pelos camaradas Armando Ramos e Mário Cabral, Comissários de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato e do Desenvolvimento Rural, respectivamente.

A discussão do relatório da Comissão Nacional de Bolsas de Estudo e o problema de formação de

milícias populares, foi adiada para a próxima reunião do CNG, prevista para 1980.

A proposta do Estado-Maior das Farp, sobre a atribuição de patentes, foi remetida a análise do Comité Permanente do CNG, que deve reunir em sessão extraordinária, antes das comemorações do 16.º ani-

versário do Congresso de Cassacá.

Verificou-se que a Comissão da Administração Local não funcionou, como se esperava, e foi recomendada à Comissão de Terras, criada na Assembleia Nacional Popular, para que os projectos de Regulamentação das Leis sobre terras, não so-

fram mais atrasos, de maneira a que sejam adoptados e publicados pelo governo.

O órgão nacional do nosso Partido inteirou-se do andamento dos preparativos das comemorações de 16.º aniversário do Congresso de Cassacá e felicitou-se pelo bom andamento dos trabalhos.

Telegramas de condelências

(Continuação da 1.ª pág.)

rápida libertação total do Zimbabwé. Pedimos ao camarada Presidente que aceite transmitir aos dirigentes e militantes da Frente Patriótica e a todos os combatentes da liberdade do Zimbabwé a expressão da nossa maior e constante solidariedade».

da sofrida com a morte do camarada Josiah Tongogara. Comandante das heróicas forças da ZANLA. Afirmamos a nossa certeza, que o duro golpe, incitará a uma mobilização ainda maior e à unidade de todas as forças patrióticas para a mais

NÃO
PINTCHA
SUPLEMENTO

Edição especial-fim do ano

DESPORTIVO

Editorial

O DESPORTO

O Desporto é um conjunto de dimensões. A dimensão humana. A dimensão social. A dimensão ideológica e política. A dimensão moral.

O Desporto pode e deve, por isso, educar, motivar, intervir. Tem força para isso.

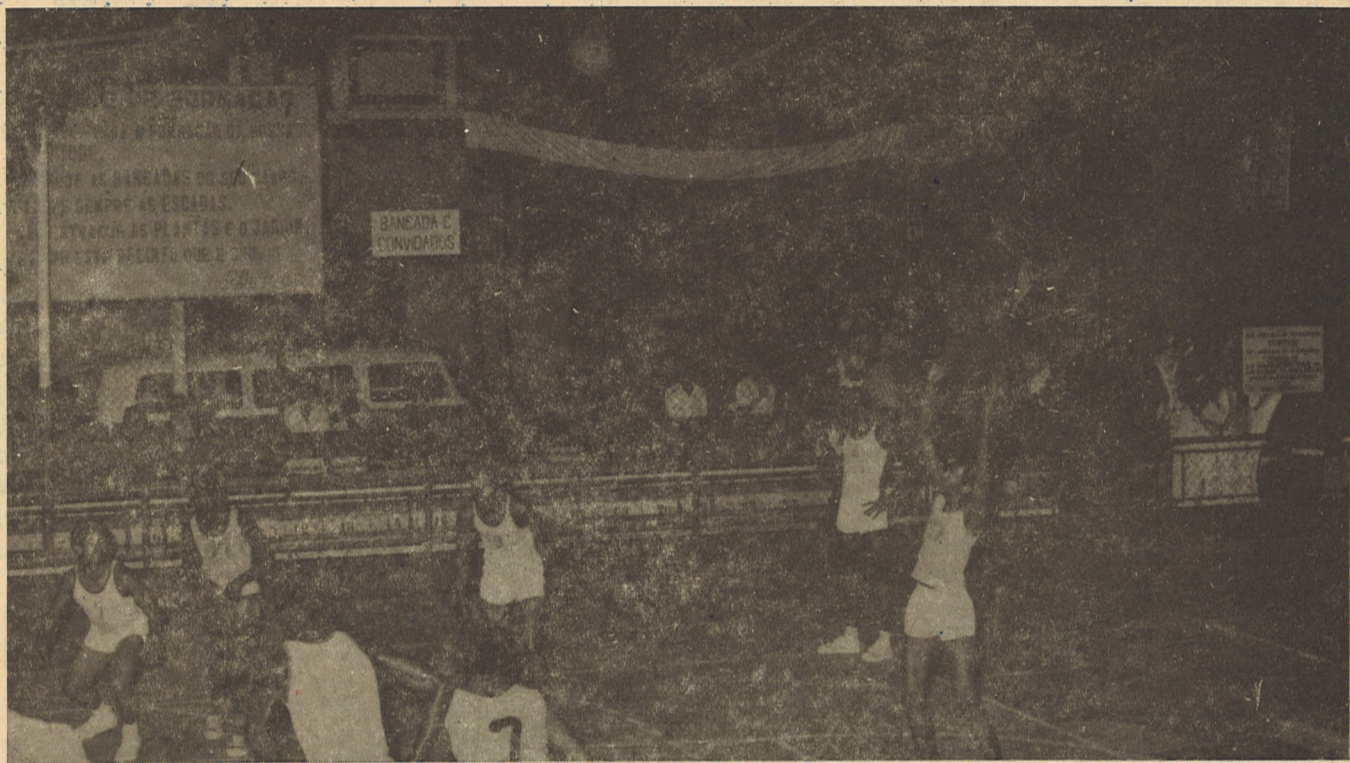
Uma expressão muito em voga (nos países em busca de novos modelos sociais), é o chamado DESPORTO DE MASSAS. Desporto certamente planificado, com a preocupação de servir a pessoa humana promovê-la, e torná-la agente de unidade e clarificação socio-política. Desporto para a colectividade, valorizando o cidadão e oferecendo-lhe, ao mesmo tempo, o prazer do recreio, da emulação salutar, da recriação plástica.

As opções do Desporto em África não podem, naturalmente, isolar-se de outras opções. E de outras realidades. O Desporto é uma prioridade ligada ou que depende de outras prioridades.

Só há plenamente Desporto quando há plenamente sociedade humana. O Desporto será, em larga medida, o que fôr a base económico-social de uma nação. E o seu modo de exprimir há de ser sempre um reflexo de outras realidades nacionais. O Desporto anda a uma velocidade que não tem a ver somente consigo próprio. A sua evolução é uma resultante de outras expressões vitais das actividades num País. Se a Economia segue um rumo determinado, marcando as prioridades gerais, o Desporto, como outros sectores ou pulmões da sociedade, tem de acompanhar as regras estabelecidas e ver as horas pelo mesmo cronómetro. Os modelos e dietas alimentares, a actividade sócio-organizativa nos locais de trabalho e de estudo, a divulgação da Medicina Desportiva, os horários nacionais de trabalho e a respectiva política de instalações, a definição das fronteiras entre o Desporto para trabalhadores e estudantes e o Desporto «federado» ou de competição, os meios e a capacidade de aquisição do material desportivo, a escolha das modalidades mais adequadas à infraestrutura física dos praticantes e às características dos climas, tudo isso obedece a um imenso jogo de regras que depende do estado da Nação, depende daquilo que o País fôr capaz de criar por si próprio.

Porque, na realidade, o Desporto é um conjunto de dimensões, estas respondem pelo seu equilíbrio e pelo triunfo das suas finalidades. Os cidadãos, naturalmente, terão de partir de uma vida organizada (trabalho, alimentação, habitação, saúde, instrução), ao encontro de um Desporto também organizado. Não haverá, pois, DESPORTO DE MASSAS sem uma real vitalidade das massas. Nem haverá Desporto no verdadeiro sentido do termo se a prática desse Desporto mascarar incapacidades provenientes duma vida social desorganizada.

Convirá, igualmente, que saibamos demarcar o «Desporto pelo Desporto» da competição mais aberta e mais «explosiva». (cont. na pág. 2)



Curso de educação física em pleno funcionamento

Já se encontra a funcionar, em pleno, nas instalações do ciclo preparatório Salvador Allende, o

primeiro curso médio de Educação Física, embora a participação dos nossos jovens tenha sido bastante

fraca. Por isso, ainda se encontram abertas inscrições para os exames de admissão.

O departamento de formação de professores de Educação Física, que (cont. na pág. 3)



Sebastian Coe e Marita Koch os campeões de 1979 (pág. 8)

LEIA
NESTE
NÚMERO

Entrevista com
Carlos Correia

Jogos Olímpicos
de MOSCOVO

Futebol feminino
em Moçambique

Ajuda Sport revelação da época 79/80

Contribuir para melhorar o nível do futebol

Procuramos o camarada Plácido Évora técnico do Ajuda-Sport para um «bate-papo» e tivemos a oportunidade de auscultar as opiniões do «homem que trouxe a sorte» ao Ajuda Sport, equilibrando-a no topo da classificação geral, com probabilidades de se manter até ao fim da prova com um futebol versátil e homogéneo. A caminhada é longa, mas o ânimo não falta.

Com experiência no desporto como praticante de futebol (Benfica) - «Mas o meu pai não me deixava praticar o futebol e dizia que os livros estavam em primeiro lugar» -, atletismo e basquete. Nesta última modalidade brilhou até além fronteiras e era conhecido por «Nha Maria».

Plácido Évora, amante do desporto, já com alguma experiência, dá sua contribuição no fomento do desporto nacional.

Embrenhámos no tempo em que era praticante das modalidades, que já referimos. Da nostalgia do passado, fizemos uma rotação de cento e oitenta graus, e disparámos.



A defensiva do Ajuda Sport, não permite veleidades aos adversários.

P. — É um caso discutível nos bastidores, a actuação do Ajuda Sport. Para uns, o Ajuda perde o comboio quando menos se espera. Outros ponderam, e, apostam na vossa candidatura ao título.

A equipa está a jogar só por recreação ou para o título?

R. — Estamos decididos a lutar até ao fim. Para o título, é claro. Quero frisar o seguinte: mais vale perder com brio e dignidade do que ganhar sem honra por favores alheios.

O nosso futebol é amador. E também acho que há um objectivo. Objectivo esse, o de fazer subir o nível do nosso futebol. Isso não implica ganhar sempre.

Ganhar o campeonato é um prémio. Às vezes, uma equipa ganha não porque praticou um bom futebol. Sucede que algumas vezes há ilegalidades. Para evitar efectivamente que isso aconteça, será necessário que os homens escolhidos pela Comissão de Árbitros sejam efectivamente juizes que não se deixam influenciar pelos jogadores nem pelo público.

P. — Supomos que há antecedentes e factos concretos do que acaba de mencionar. Tem em mente nomes e casos para citar?

R. — Não!... Não quero entrar em pormenores. P. — Na condução de uma equipa de futebol há exigências que se impõem ao técnico para a afinação do seu plantel. No seu trabalho, quais os entraves que se lhe depa-

R. — Bem. Há um problema comum a todas as equipas da capital. O horário dos treinos, com a agravante de falta de campos de treino com as mínimas condições. Estamos a pensar em electrificar o nosso campo. Caso se concretizar, daremos um grande impulso. Adoptarei o sistema de treino individual que é fundamental para a formação de um futebolista. É verdade que possuímos um plantel jovem. No Ajuda Sport, trabalhamos em conjunto. Existe o espírito de equipa. Não sou um homem só. Discute-se e chega-se a uma conclusão. Pondera-se tudo antes de se dar luz verde mesmo sobre a formação

que irá actuar.

P. — É o segredo? (Sorri e meneia a cabeça)

P. — Quais as disposições que normalmente toma perante uma equipa, digamos, das chamadas grandes?

R. — Bem. Para mim, não há equipas pequenas nem grandes. Aliás insisto sempre neste aspecto com os jogadores. Quando defrontamos uma equipa, observo e penso como devo enfrentá-la e utilizo a tática adequada.

P. — Há práticas prejudiciais que «queimam» normalmente os atletas. No futebol por exemplo, vê-se um bom jogador, promissor, com todas as qualidades excepcionais, baixar na sua segunda ou terceira época. Para si, a que se deve este fenómeno?

R. — Para além das características fisiológicas e outros factores a considerar, os nossos jogadores perdem ou mesmo baixam de forma devido a vida desregrada que alguns levam — fumo, noitadas, abuso de bebidas alcoólicas, etc...

P. — Vejamos os siste-

mas e esquemas tácticos. Tem predilecção por algum?

R. — Não. (hesita e faz-nos ver que é segredo) — Jogamos com variantes conforme o adversário. Tivemos algumas infelicidades. Houve falhas. Por exemplo a derrota com a UDIB e o empate com o Sporting.

P. — Tem tido apoio e compreensão da Direcção e dos sócios do Ajuda Sport mesmo quando a equipa sofre um percalço?

R. — Não tenho razão de queixa desde que trabalho com a equipa. Há compreensão da parte dos adeptos quando sofremos uma derrota. Há unidade.

P. — No actual plantel do Ajuda Sport, há reforços vindos de outros clubes?

R. — Temos os mesmos jogadores, excepto Estêvão (Bolama) e o Emitério (Sporting).

Este último tinha saído e voltou.

Existe normalmente fuga de jogadores dos clubes do interior para a capital. Acho que se devia pôr um travão a estas saídas. Saídas essas originam geralmente que os clubes do interior fiquem com um lote de jogadores que não lhes permite baterem-se de igual por igual com equipas da capital.

P. — Para um salto qualitativo do futebol nacional, o que recomenda?

R. — Para que o nosso futebol sofra qualitativamente um avanço, acho as seguintes soluções como susceptíveis de melhorarem o nível actual: no âmbito de acordos de intercâmbio desportivo com países amigos de grande nível futebolístico, solicitar um técnico, para trabalhar exclusivamente a Selecção Nacional nun período de 2 anos e ministrar aulas aos orientadores técnicos nacionais no período de defeso.

Dentre estes, os primeiros classificados no final do curso, beneficiarão da oportunidade de estagiarem no estrangeiro.

No que se refere a Selecção Nacional, é fundamental que trabalhe quer haja ou não um torneio.

Outra medida, é apostar no material humano, como por exemplo,

escolher candidatos para a frequência de curso de treinador no estrangeiro. Entretanto, a par das possíveis soluções apontadas, pequenas digressões para fora do país que facilitem contactos das equipas nacionais com as dos países vizi-

nhos, seriam vantajosas. Estas soluções podiam até ser adoptadas a curto ou médio prazo.

Para a prática de todas as modalidades desportivas, diria eu que, «material» não nos falta mas, bons «artífices» para o moldar é que não temos.

Pepas: Arma secreta

Neste Nacional de Futebol 79/80, nos estádios, os adeptos do futebol tem assistido a revelação de uma equipa que, nos campeonatos transactos, praticou um futebol discreto e sem ambição — Ajuda-Sport. Nessa equipa surgiu pela vez primeira, um talentoso «bébé» a iluminar a equipa. **PEPAS!**

Com grande poder de drible, remates posicionais e inteligência para resolver uma partida. Registamos a opinião deste jovem.

P. — Em que posição gostas de actuar?

R. — Meio-campo.

P. — Quando iniciaste a jogar numa prova oficial?

R. — Este ano.

P. — Estás a pensar no título?

R. — Ainda é cedo e falta muito. Mas, estou com esperança de alcançar o título.

P. — Gostas de jogar no meio-campo, e, qual é o meio-campo adversário que lhe dá muito que fazer?

R. — O da UDIB.

P. — Para melhoria do nível do nosso futebol o que sugerias?

R. — Boas condições aos atletas.

P. — Uma mensagem para os atletas?

R. — Que deixem o jogo violento.



Pepas (assinalado na foto) uma equipa de meninos do Bairro, onde deu os primeiros pontapés.

Editorial

Continuação da Pág. 1

É fácil encontrar essa fronteira e fazer interpretações corretas de um e de outro conceitos. Pode (e deve) haver «Desporto pelo Desporto» mesmo na grande competição. Se é verdade que um Benfica-UDIB (futebol) no «Lino Correia» não tem a pureza e o «idealismo» de uma partida de basquetebol entre equipas das FARP e do Liceu, não será caso para os jogadores do Benfica e da UDIB pensarem que a essência do Desporto está irremediavelmente desligada da sua função. Cabe até a esses futebolistas provarem a toda a gente que a grande competição é apenas uma parcela das várias dimensões que o Desporto tem. Eles poderão, pelo seu comportamento, mostrar que a grande competição é um quinhão da nobreza do verdadeiro Desporto.

O Ténis da Guiné Bissau ganha projecção internacional

A Escola Central de Lawn Ténis da Guiné-Bissau completou dois anos de existência no dia 23 de Dezembro do ano findo. Neste novo ano, necessariamente, esta modalidade irá conhecer novos progressos nos diversos aspectos da sua projecção, tanto no país, como no estrangeiro. Actualmente, a Escola conta com mais de 150 praticantes, só em Bissau.

Quando se refere à projecção que a Escola está a ganhar, o professor Nuna Oliveira, seu fundador, acrescenta que «ela proveio do nosso prestígio alcançado na Líbia, no último torneio internacional de ténis efectuado, após a qual, numa reunião, fomos propostos para membro da Confederação Africana de Ténis.

«Daí, — diria o camarada Nuna, — regressámos convictos de que no futuro receberíamos convites para mais contactos internacionais. A minha previsão não falhou visto que recebemos um convite logo a seguir para outro torneio internacional no

Quénia. Este convite só não foi satisfeito porque as despesas de ida e volta de avião são muito elevadas e insuportáveis pelo Conselho Superior dos Desportos, no momento actual».

A Escola Central de Lawn Ténis de Bissau acaba de cumprir outro convite, agora da Federação senegalesa de Ténis, tendo participado, de 17 a 23 de Dezembro, num estágio para treinadores de ténis, e de 27 do mesmo mês, a 1 de Janeiro, no 3.º Campeonato internacional de Ténis da África Ocidental, ambos os encontros em Dakar, sob patrocínio da Confederação Internacional de Ténis.

O Ministro da Juventude e Desportos do Senegal, François Bob, aquando da sua estadia na Guiné-Bissau, teve oportunidade de ver actuar os tenistas da Escola. Viu a nossa participação no desfile de abertura da Taça Amílcar Cabral, e concluiu que, de facto, o nosso ténis estava a ganhar força — disse o mes-

tre Nuna acrescentando que, em resultado disso, ele teve palavras de elogio e estímulo para com a Escola, porque estamos a democratizar o ténis na Guiné.

É PRECISO 10 ANOS PARA SE FAZER UM CAMPEÃO

A Escola acaba de completar dois anos de actividades. E dois anos é pouco na vida de qualquer modalidade desportiva, sobretudo quando se parte do zero. Um grande internacional de ténis, o já falecido americano, Tilgan, dizia que, para se fazer um jogador regular, são precisos cinco anos, e para se fazer um campeão, são precisos 10 anos.

Os recintos desportivos que existem actualmente são muito poucos para a evolução que se quer do ténis. Esta modalidade está com tanta força, tanto entusiasmo, que a Escola tem estado a socorrer ao «court» privado da Dicol, porque os dois do Estádio

Lino Correia já são insuficientes. O Conselho Superior dos Desportos vai recuperar brevemente mais um campo dos antigos deste Estádio.

Quanto à divulgação desta modalidade no interior do país, a começar por Bolama e Mansoa, neste sector onde as sementes já foram lançadas e com sucessos, a Escola Central está a aguardar uma verba especial que será posta à sua disposição em Janeiro. «Mansoa já é uma realidade. Possui uma rede, e o campo é bom. Só falta um carro para que os monitores de Bissau possam aí deslocar-se, todos os fins de semana. Nesse sentido, o CSD já providenciou para a aquisição de raquetes e bolas.

UM DESPORTO DE (ELITE)

Existem no mundo, neste momento, muitos milhões e milhões de pessoas que jogam regularmente o ténis. E, no mínimo, outra metade há, que gostaria de o fa-



zer; se, para isso, existissem recintos de jogo disponíveis. Já que, hoje em dia, o equipamento é plenamente acessível e o interesse pelo desporto potencialmente existe.

Na realidade o que é o ténis hoje em dia? Quais são as suas origens?

O escritor e historiador inglês do séc. XVII — Sir Robert Dallington, afirmava em 1604: «Há mais jogadores de ténis em França do que bebedores de cerveja em Inglaterra. Poderia pensar-se que cada francês nasceu com uma raquete nas mãos».

O próprio nome ténis, teria derivado do vocábulo francês — «tenez» — (que numa tradução extremamente livre poderia significar: «toma lá») vocábulo que, em plena Idade Média, em França, era gritado pelos jogadores antes de «servirem» (atirarem) para o parcei-

ro, no outro lado do campo, uma pequena bola de pano. Mas, foi em Inglaterra, já em pleno século XIX que o ténis adquiriu o seu estatuto de jogo amplamente divulgado. De início, juntou tanto da aristocracia mas, mais junto da poderosa alta burguesia inglesa.

O desenvolvimento do ténis, a partir do «jeu de paume» (jogo de bola à mão) francês, teve diferentes versões até se definir praticamente como o conhecemos hoje.

Foi um Inglês, Walter Glopton Wingfield que então estabeleceu as regras do jogo do ténis. Chamou a esse jogo, Spairistiké (jogo da bola, em grego). É claro que ou o nome ou o jogo estavam condenados a desaparecer. Felizmente que foi o nome. (...) (in Expresso)

A escola da educação física é uma realidade

Continuação da pág. 1

é um dos serviços da Escola Nacional de Educação Física e Desportos tem como objectivo assegurar a realização de curso de professores neste domínio, de nível médio, apoiar técnica e pedagogicamente as escolas de formação de professores do Comissariado de Estado da Educação Nacional, assegurar a realização de cursos, estágios e seminários de formação, reciclagem e especialização a docentes de educação física em exercício e, ainda a alfabetizadores, educadores de infância e professores primários.

Fazem também parte da escola os departamentos de Formação de Quadros Desportivos, de Estudos, Centro de Documentação e Informação, Administrativo e Financeiro. Esta escola tem personalidade jurídica e goza de autonomia administrativa, financeira, pedagógica e científica, dependendo directamente

da Direcção-Geral do Ensino. São seus órgãos um conselho directivo, administrativo, pedagógico e científico. O Conselho directivo orienta superiormente as actividades da escola e reunirá uma vez por mês. Será composto de um presidente, um vice-presidente, um representante do Conselho Superior de Desportos, um professor eleito pelo corpo docente da Escola, um aluno eleito e um trabalhador que pode ser funcionário administrativo ou auxiliar da Escola.

A Escola Nacional de Educação Física e Desportos pretende organizar cursos de animadores, monitores e treinadores, nas várias modalidades desportivas, editar uma publicação periódica de carácter científico, pedagógico técnico e bibliográfico, no âmbito de educação física, desportos e recreação e fazer estudos sobre danças e jogos tradicionais do nosso país visando a sua posterior inserção nos

programas de educação física escolar, entre outras actividades que vai desenvolver.

Este curso de educação física tem a duração de quatro semestres lectivos. Os dois primeiros semestres destinam-se a uma formação geral dos alunos e, os dois últimos, a par da continuação da preparação de base política, técnico-científica e pedagógica, e uma especialização, quer para o trabalho no âmbito escolar, quer para as tarefas relativas à preparação desportiva mais especializada.

São as seguintes, as disciplinas do curso: Biologia aplicada à educação física e desportos, História da Cultura Física, Psicopedagogia aplicada, Teoria e metodologia da educação física, dos desportos e recreação, do desporto individual, de combate e com raqueta, de desportos colectivos, Português, Formação Militar. Vai haver também os cursos especiais de Matemática, no segun-

do semestre e Ciências Físico-Químicas no terceiro semestre. Os alunos poderão ainda frequentar cursos livres de língua vivas nomeadamente o Francês e Inglês, e no início do segundo semestre lectivo as disciplinas de opção para os dois últimos semestres do curso que serão em número de duas por aluno: atletismo, ginástica desportiva, natação, basquetebol, voleibol, futebol, judo, boxe, luta, ténis, badminton, danças e jogos tradicionais.

No final do quarto semestre os alunos entregam um relatório individual de estágio, das actividades por eles realizadas no conjunto do terceiro e quarto semestres, que será posteriormente discutido pelo seu autor com dois professores do curso. Nessa altura, os alunos terão também que apresentar um trabalho individual do final do curso que será objecto de uma discussão pública com dois membros do corpo do-

cente da escola, sob a presidência do respectivo presidente do Conselho directivo.

Podem ser alunos da escola os candidatos de qualquer sexo que possuam como habilitações literárias o curso geral dos liceus ou equivalente, tenham o mínimo de dois anos como docentes de educação física, como bom e efectivo serviço ou, tenham frequentado com aproveitamento, cursos e seminários de formação de professores de educação física, depois de uma prova de admissão.

No início do curso será fornecido a cada aluno um equipamento desportivo completo e auferirão um subsídio compatível com as suas funções docentes de estágio e igual aos professores da brigada pedagógica. Todos os materiais bibliográficos de apoio aos estudos serão fornecidos pelo Centro de Documentação e Informação da Escola. No final do curso, os três

melhores alunos terão a possibilidade de beneficiar de uma bolsa de estudo no estrangeiro, a fim de obterem o grau de licenciado em educação física ou outro título a ele equiparado. As aulas do curso funcionarão com professores cooperantes portugueses que já se encontram no país e cubanos que deverão chegar brevemente.

A avaliação de cada disciplina, dos estágios pedagógicos e do trabalho final do curso, será expressa em números inteiros segundo a escala de um a cinco. Nas disciplinas práticas, a avaliação será feita pelos respectivos professores de forma contínua, no decorrer do semestre, tendo como base a participação nos trabalhos, a assiduidade, a pontualidade, os progressos verificados e as respostas aos questionários escritos e orais. Uma classificação inferior a três valores implica a reprovação na respectiva disciplina, estágio pedagógico ou trabalho final do curso. Realizar-se-ão avaliações no final de cada semestre, respeitantes à matéria dada durante o mesmo. Só haverá exames nas disciplinas teóricas, constando de prova escrita e oral.

Não aos contactos desportivos com os ra



Nos últimos tempos, organizações desportivas de certos países europeus tentaram avivar os contactos com a África do Sul. Este assunto foi abordado por Ivan Vlassov, secretário responsável do Comité Olímpico da URSS, numa entrevista concedida a APN.

— Todos os que seguem a luta dos povos africanos contra o «apartheid» no desporto, sabem perfeitamente que a esmagadora maioria dos habitantes da terra se encontra incondicionalmente ao lado das justas exigências de pôr fim ao «apartheid» a preversão mais ignominiosa do colonialis-

mo condenado pela história.

O desporto que atrai a atenção de centenas de milhões de pessoas, passou a ser um eficiente instrumento na luta contra os restos do obscurantismo e o racismo legalizado. É absolutamente justo que o Comité Olímpico Internacional não reconheceu a RSA e a Rodésia, e ter exortado todos os países a absterem-se de contactos desportivos com estes dois países, até que neles se observarem o princípio básico do olimpismo — a possibilidade para todos de participarem no movimento desportivo sem quaisquer res-

trições raciais, religiosas ou políticas.

Como é observada esta exigência do COI? A maioria absoluta dos comités olímpicos nacionais, federações e organizações desportivas aprovaram esta decisão do COI como totalmente justa.

Todavia, em certos países, os partidários e adeptos do racismo e do «apartheid» conseguiram infiltrar-se nos órgãos dirigentes de organizações desportivas e aproveitar a situação para os fins políticos, no intuito de manter os regimes caducos do sul da África, conduzir o movimen-

to desportivo internacional e destruir a unidade. A opinião pública é simplesmente espezinhada neste peito, por certas federações nacionais de rugby.

Basta lembrar os controlos dos raguebi da Nova Zelândia e África do Sul, as tentativas de organizar uma digressão da equipa sul-africana pela França e Irlanda, os jogos da equipa «Barriens» na Grã-Bretanha e a digressão prevista para 1980 de raguetas ingleses pela África do Sul.

O renascimento dos Jogos Olímpicos

«Ao entrar no estádio olímpico deparei com um espectáculo insólito. Na pista corriam não só os atletas mas, passeavam-se honrados pais de família, que os obrigavam a parar constantemente... os cães, que também assistiam aos jogos ladravam eufóricamente, correndo atrás dos atletas... se bem me lembro, celebravam-se as competições olímpicas, no estádio de Atenas».

Esta curiosa notícia sobre a olimpíada grega não oficial, em que participaram 24 desportistas, foi publicada no jornal «sport» de Kolozsvár, Roménia, em 19 de Outubro de 1876.

Mas esta não é a primeira vez que se falou dos Jogos Olímpicos.

Em 1859, Evangelis Zappas um homem do exército grego com suficientes possibilidades financeiras organizou, no seu país, a «olimpíada» pan-helénica, onde não participaram desportistas estrangeiros. Olimpíadas semelhantes foram celebradas em 1888 e 1889. Antes, realizaram-se Jogos Olímpicos com competições em dez modalidades, no Canadá, em 1844.

A história conhece ainda tentativas anteriores de restabelecimento do olimpismo. Em 1793, um dos fundadores da escola alemã de ginástica, Gutsmuths, formulou

uma proposta nesse sentido que, contudo, não foi apoiada. Passados 59 anos, esta idéia foi tornada pública em conferências proferidas por Ernest Curtius, subordinadas ao tema «Olímpia». O impacto destas conferências atingiu tal proporção que o próprio Frederico Guilherme IV se pronunciou sobre elas: «este homem fala com tal convicção que me apetece sair para a rua e recolher dinheiro...» esta observação resultou profética, pois os governos posteriores recusaram-se a financiar os Jogos.

A única hipótese era criar condições e alargar o número de entusiastas. Encabeçou este movimento o barão Pierre de Coubertin, mais conhecido pelo «pai das Olimpíadas».

No fim do século passado foram criadas, em França, organizações desportivas — a Liga Nacional de Educação Física e a União das Sociedades Francesas de Desportos — apoiadas por cientistas e políticos, com o fim de despertar a opinião pública para o desporto. Em 1889, o governo francês pediu a Coubertin que estudasse a experiência desportiva nos outros países. Assim, nasceu o ideal do olimpismo, numa base internacional. Depois de uma viagem por toda a Europa, de

regresso ao seu país em 25 de Novembro de 1892, Coubertin proferiu a famosa conferência sobre «o renascimento olímpico».

Em 1894, foi realizado em Paris por sua iniciativa, o Congresso Constituinte que reuniu indivíduos interessados nesta matéria a nível internacional, entre eles o general Butovski.

Butovski, que dedicou toda a sua vida à educação física da juventude, apoiou entusiasticamente a intervenção de Coubertin e considerou os jogos internacionais uma necessidade vital da humanidade — necessidade de renascimento físico e moral da jovem geração. Posteriormente, num artigo sobre os «Jogos Olímpicos de 1896», Coubertin realçou o importante papel desempenhado pela Rússia e, em particular por Butovski, na luta pelo renascimento do olimpismo.

A EQUIPA RUSSA NÃO COMPARECEU

Em meados do século XIX surgiram na Rússia vários círculos e sociedades desportivas — o Yacht Club de Petersburgo, em 1860; a Sociedade de Ginástica «Palma», em 1863; o Círculo dos Aficionados do Desporto de Petersburgo, em

1889, virada para o atletismo, o futebol e o hóquei. Em 1882, foi anunciada, oficialmente, a fundação da Sociedade de Ginástica da Rússia. Foram criados, igualmente, círculos de desporto em Kiev e Odessa.

Mas, apesar de todos os esforços de Butovski e outros entusiastas e de terem aparecido grupos de preparação para os jogos olímpicos, o governo czarista permaneceu indiferente a estas iniciativas e a equipa russa não compareceu por falta de recursos.

Voltando ao Congresso Constituinte realizado em 1894, este adoptou a decisão de restabelecer os Jogos Olímpicos elegendo para tal um comité e determinando os princípios de celebração dos mesmos. Foram, assim, marcados os primeiros Jogos Olímpicos a realizar na Grécia, na Primavera de 1896.

Em honra de Pierre Coubertin escolheu-se Paris para a celebração dos Jogos seguintes.

Mas, o entusiasmo inicial foi quebrado rapidamente. O governo grego embora aprovasse a realização dos Jogos no seu país, não possuía recursos financeiros para os levar para a frente.

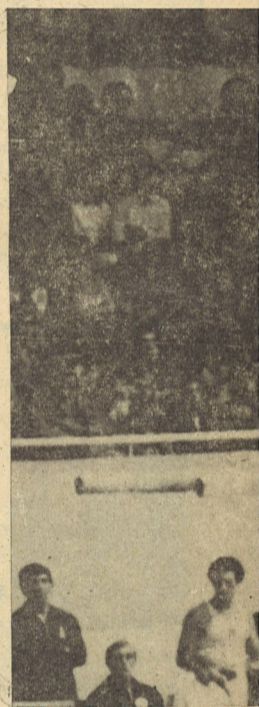
Coubertin parte para a Grécia e organiza uma colecta cujo montante ultrapassou todas as pre-

visões — 333 mil dracmas. Entretanto, na Grécia, toma posse um novo governo que realiza uma emissão de selos dos Jogos.

Dos 34 países participantes no Congresso de Paris, que adoptou a decisão histórica de restabelecer os Jogos Olímpicos, apenas 13 participaram na I Olimpíada — Alemanha, Austrália, Áustria, Bulgária, Chile, Dinamarca, EUA, França, Grã-Bretanha, Grécia, Hungria, Suécia e Suíça.

A cerimónia de abertura realizou-se na manhã de 5 de Abril de 1896. Depois de um discurso do príncipe Constantino, o rei Jorge proclamou solenemente inaugurados os Jogos. Um hino escrito especialmente para o acontecimento pelo compositor grego S. Samara foi tocado. Soa uma salva de artilharia, são largadas pombas, símbolo da paz e iniciaram-se as provas.

Passados mil e quinhentos anos, os Jogos Olímpicos, voltaram, enfim, a ser realizados.



As pr

Foi na 79.^a sessão do Comité Olímpico Nacional (COI) que aprovou o programa dos Jogos Olímpicos de Verão de 1980, proposto pelo Comité Organizador reativo, a realizar no Verão de 1980.

Nos primeiros Jogos Olímpicos, o programa era determinado pelas possibilidades e da cidade organizadora. O programa compunha-se então de 9 desportos. Mais tarde, nos VIII Jogos Olímpicos (1924, Paris), o programa compunha-se de 17 desportos.

Seguidamente reviu-se que só realizavam-se as competições dos desportos cujas federações

stas

Falando da oposição das organizações desportivas soviéticas perante estes acontecimentos, Ivan Vlassov disse:

«O Comité Olímpico da URSS, tal como toda a opinião pública desportiva do país, foram e continuam adversários resolutos do «apartheid» e racismo praticados pela RSA e Rodésia. As declarações dos representantes soviéticos feitas em foruns desportivos internacionais e através da imprensa são geralmente conhecidas» (...)

em patins. A sessão de Praga do COI determinou ainda a disputa de 203 competições de medalhas equivalentes ao número de provas que entram no programa olímpico de Moscovo. A saber:

ATLETISMO—As provas desta modalidade figuram desde o renascimento das Olimpíadas, tendo, desde então, passado de 12 a 38 (provas) para os Jogos de Moscovo. Em 1928, em Amesterdão, tiveram lugar pela primeira vez as competições femininas.

Em Moscovo, as competições de atletismo decorrerão de 24 a 28 de Julho e de 30 de Julho a 1 de Agosto.

BASQUETEBOLO—Apareceu pela primeira vez nas Olimpíadas de Saint Louis, em 1904, voltou nas de Amesterdão, em 1928 e, desde 1936 que este desporto se realiza regularmente na Olimpíada de Montreal

entraram pela primeira vez as mulheres. Em Moscovo os torneios masculino e feminino decorrerão de 20 a 29 de Julho:

ANDEBOL—O andebol foi incluído pela primeira vez no programa, nos jogos de 1936. Em 1952, em Helsínquia houve um torneio de exibição. Nos Jogos de Munique em 1972, iniciaram-se as competições masculinas e nas de 1976, em Montreal, celebrou-se um torneio feminino. Os torneios masculino e feminino de Moscovo terão lugar de 21 a 30 de Julho.

BOXE—Desde a III Olimpíada (1904, Saint Louis) que se desenrolaram combates de boxe, excepto nos jogos de Estocolmo, em 1912. Celebrar-se-ão em Moscovo de 20 de Julho e 1 de Agosto combates em 11 categorias.

CANOA—As competições em canoas iniciaram-

se nos VIII Jogos de Paris, mas só foram incluídas definitivamente no programa olímpico em 1936. Depois da II Guerra Mundial passaram a ter lugar também competições femininas.

CICLISMO—Esta modalidade tem entrado sempre no programa desde os II Jogos. Em 1900 e 1904 só se disputaram provas de pista e, em 1912, só de estrada. A partir de 1928, tomaram as suas características actuais. Em Moscovo disputar-se-ão 4 provas de pista entre 22 e 26 de Julho, e duas de estrada, em 20 e 28 de Julho.

HIPISMO—As provas de equitação disputaram-se pela primeira vez em Paris, em 1900, e desde 1912 em todas as Olimpíadas (nas de Londres, em 1908, realizaram-se apenas exposições esquestres). Em Moscovo disputar-se-ão seis competições.

ESGRIMA—A esgrima esteve presente em todas as Olimpíadas. Nas duas primeiras realizaram-se provas individuais para amadores e profissionais. O programa de Moscovo incluiu 8 provas de florete, sabre e espada, individuais e por equipas.

FUTEBOL—O primeiro torneio olímpico de futebol disputou-se em 1900, em Paris, nos II Jogos e, desde então, entrou em todas as Olimpíadas, com excepção da X, de Los Angeles, 1932. O torneio dos XXII Jogos terá lugar em Kiev, Minsk, Leninegrado e Moscovo, entre 20 de Julho e 2 de Agosto.

GINÁSTICA—A Federação Internacional de Ginástica, fundada em 1881, foi uma das mais antigas associações que apoiaram a ideia dos Jogos Olímpicos. As mulheres participam desde 1928. Em Moscovo estarão em jogo

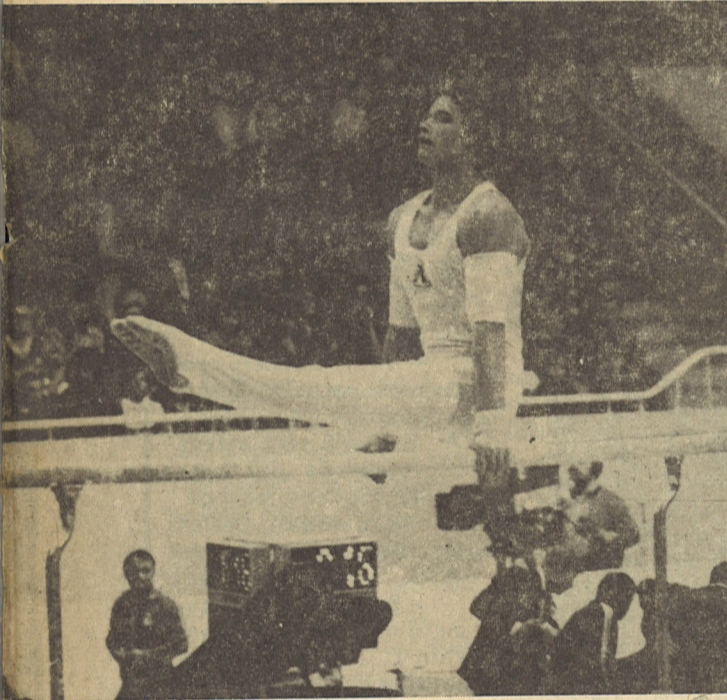
14 medalhas de ouro, de 20 a 25 de Julho.

HÓQUEI EM CAMPO—Esta modalidade entrou no programa dos Jogos de 1908 (Londres) e, desde então figura em quase todas as olimpíadas com excepção das de 1912 e 1924. Por proposta da respectiva Federação Internacional, o COI introduziu no programa de Moscovo o torneio feminino.

JUDO—O judo entrou pela primeira vez nas Olimpíadas de 1964, em Tóquio, proposto pelos organizadores, mas, foi só nos Jogos de Munique (1972) que entrou oficialmente. Em Moscovo serão disputadas 8 medalhas de ouro.

HALTELOFIO—Este desporto foi incluído nos I e III Jogos Olímpicos e o levantamento de um e dois braços, sem categorias

Continua Pág. 8



vas em disputa

nacionais fossem conhecidas pelo (COI). Para obter esse reconhecimento era necessário que as Federações incluíssem nos seus estatutos uma série de definições respeitantes ao movimento olímpico, e em particular em relação ao amadorismo. Decidiu-se também que os jogos deviam compreender não menos de 15 desportos reconhecidos.

Em 1968, o COI constituiu uma comissão do programa olímpico, com representantes seus, das federações desportivas internacionais e Comitês Olímpicos Nacionais. Limitou-se então o programa olímpico aos desportos enumerados pelas regras do COI e estabe-

leceu-se definitivamente as regras a que deve obedecer o «desporto olímpico»: reconhecimento da Federação Internacional pelo COI, ampla difusão do desporto pelo mundo e celebração regular de competições regionais e mundiais.

Nas regras do COI introduziu-se ainda em 1976, um ponto em que o programa de desportos e de provas é aprovado simultaneamente com a indicação da cidade organizadora dos Jogos.

A reunião de Praga incluiu por fim a par dos desportos olímpicos, dois dos quatro desportos não olímpicos reconhecidos pelo COI; entre eles, o ténis e o hóquei

Chama Olímpica vai percorrer cinco mil quilómetros

O facho olímpico será transportado por estafetas ao longo de cinco mil quilómetros, desde a Grécia, partindo de Olímpia, em 19 de Junho, através da Bulgária e pela Roménia, até chegar a Moscovo em 18 de Julho. No dia seguinte, data de abertura oficial dos Jogos, será acesa a chama olímpica, na pira do Estádio Lenine.

Segundo a tradição, uma actriz grega vai captar por intermédio de um espelho, sobre as oliveiras sagradas de Olímpia, no antigo templo da deusa Hera, um raio do sol do meio-dia. Depois o facho seguirá por Atenas, Patras, Corinto, Tebas e Salónica, totalizando 1.100 quilómetros.

Em 25 de Junho, os atletas gregos cederão o facho olímpico a atletas búlgaros os quais seguirão por Sófia, Plaudiv, Chipka e Plevna, num percurso de 865 quilómetros. Em certas zonas do percurso, serão rendidos por ciclistas e, também, por cavaleiros.

Em 1 de Julho, é a vez dos romenos tomarem o facho nas suas mãos. O trajecto por Bucareste, Ploesti, Focsani e Iasi, é de 600 quilómetros. Em 5 de Julho, atinge-se a fronteira com a URSS, o facho olímpico atravessará, então, as Repúblicas federadas da Moldávia e da Ucrânia.

Após a cerimónia de abertura dos jogos, o facho vai ser passado aos representantes das outras cidades olímpicas que, na manhã de 20 de Julho, em combóios especialmente fretados para o efeito, o transportarão até Leninegrado, Kiev, Minsk e Tallin.

É sabido que, para levar a chama desde as antigas montanhas helénicas até as cidades das competições, os organizadores dos últimos Jogos Olímpicos utilizaram os meios mais diversos, procurando marchar ao passo da época: recorreram a bicicletas, e motos, a automóveis e aviões, ao transporte marítimo e até ao raio laser; este último ocorreu em Montreal-76.

Pode parecer antiquado o método escolhido pelo Comité Organizador «Olimpíada-80» os corredores transportarão a chama desde Olímpia até Moscovo. Sem dúvida, tal decisão parece estar mais de acordo com as tradições do movimento

olímpico, porque, neste caso se faz ressaltar para o primeiro plano a figura do homem valoroso, forte e veloz.

Para todo o desportista, é uma honra transportar a chama olímpica. Pelo território soviético, a chama será transportada por representantes de todas as repúblicas federadas, nas quais, muito antes de se inaugurarem os Jogos, efectuar-se-ão competições pelo direito de percorrer o itinerário olímpico. A cada corredor que transporta a chama, ser-lhe-á entregue uma cópia do archote, do qual se fabricaram cerca de 5 mil exemplares. A última, com a qual o principal corredor acenderá a chama no estádio central dos Jogos-80, será guardado como relíquia no Museu dos Desportos.



Em Moçambique, futebol não é só para homens

Era uma tarde serena de sábado. Estávamos no interior do campo do Ferroviário de Maputo, a fim de assistirmos a uma partida de futebol feminino. Queríamos satisfazer a nossa curiosidade, de saber-mos como é que se formaram aquelas equipas. Logo que chegámos, procurámos um dos responsáveis que naquele momento se encontrava a jogar, para que nos desse algumas informações.

Conseguimos localizar um treinador de uma das equipas, que nos disse:

«A primeira equipa de futebol em feminino, surgiu em 1977. Era uma equipa constituída por alunas, da Escola Anuaril, sita no Xipamanine.»

Naquela altura como não havia outras equipas de futebol em femininos elas jogavam com os rapazes da mesma escola e às vezes jogavam entre elas.

Depois desta iniciativa, formou-se mais tarde uma equipa na fábrica de Vestuário Investro, constituída por operárias da mesma Fábrica, que faziam os treinos entre os colegas de serviço. Pouco tempo depois formou-se uma outra equipa na Fábrica de Vestuário Sabrina, também constituída por operárias da Fábrica.

Feito alguns treinos, as equipas da Investro e da Sabrina, fizeram um jogo amigável no campo do Ferroviário das Mahotas. Este jogo deu ânimo às moradoras daquele Bairro que vendo outras mulheres a jogarem futebol, também tiveram vontade de praticar esta modalidade.

Por iniciativa delas, vieram falar comigo para que eu fosse treinador. Naquela altura, era treinador de futebol em masculinos mas não recusei o pedido e como vê, até hoje ainda continuo a desempenhar esta tarefa.

A partir de 1977, a animação era enorme dia após dia, apareciam mais equipas de futebol feminino e em 1978, a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) organizou um torneio em futebol feminino, com a participação de dez equipas, na qual saiu vencedora a equipa do Bairro de Minkandjuíne. E a partir desta altura, as jogadoras aplicaram-se com mais ânimo».

O treinador Salvador dos Santos, fez uma pequena pausa a fim de dar algumas orientações à sua equipa que naquele momento ainda se encontrava a jogar. Em seguida continuou.

«Custa-nos pôr em prática esta modalidade, porque neste momento não temos material suficiente para podermos realizar os nossos treinos com mais sucessos.

Quanto às jogadoras, elas têm tido vontade de praticar o futebol e gostam muito de jogar. Neste momento temos à volta de vinte jogadoras e mais algumas que só vêm para treinar.

Com o apoio das Empresas e o Governo, acho que podemos avançar muito mais, pois elas mostraram muita vontade em levar esta modalidade à frente».

GANHAR OU PERDER NÃO INTERESSA

Uma desportista que naquele momento encontrava-se no banco de suplentes, disse-nos: «Chamo-me Clara Repinga, tenho 16 anos. Comecei a praticar futebol este ano, na equipa do Ferroviário das Mahotas.

Quando joguei pela primeira vez senti muitas dificuldades, pois nunca tinha jogado em pleno campo com muito público a assistir, mas agora que já me habituei, gosto de ver o público a aplaudir e até fico muito contente em saber que os nossos jogos também têm muito interesse.

No campo, encaro a minha adversária como minha companheira. Perder ou ganhar não interessa. O que mais conta é o colectivismo e camaradagem entre nós.

Quanto aos treinos tenho tido o apoio necessário do nosso treinador e das minhas colegas. No

que diz respeito a esta modalidade ainda penso continuar por muito tempo a praticá-la caso não surja nenhum contra-tempo».

NÃO É DESPORTO DURO

Uma outra jovem de 19 anos de idade, Carolina André, jogadora da



lina André, jogadora da equipa do Ferroviário das Mahotas, salientou:

«Venho praticando esta modalidade desde Março deste ano.

Quanto à disciplina na nossa equipa é de elogiar as minhas colegas que têm contribuído para que não haja conflitos.

Para mim, o futebol não é um desporto duro. Até cria uma boa capacidade física e saudável. Por isso não pratico outra modalidade porque gosto de futebol e penso continuar a praticar para que mais tarde possa ser uma boa jogadora.

No que diz respeito à organização acho que tem satisfeito as nossas necessidades para a efectivação dos treinos. Só

que temos falta de equipamento como bolas e sapatilhas».

AJUDA O ATLETA TRABALHADOR

Cecília Moroso Timba, nasceu em Maputo, há 21 anos.

Trabalha na Fábrica de Calçado Apolo. Começou a praticar futebol

desde o ano passado:

«Foi a nossa iniciativa que nos levou a criar uma equipa de futebol feminino na nossa fábrica, porque vimos que também temos necessidade de praticar desporto.

A prática desportiva é muito boa e vantajosa para o desenvolvimento físico e mental das jogadoras e jogadores. Esses benefícios do desporto, ajuda, em muitos casos, a tarefa diária do atleta-trabalhador. O futebol é essencialmente um desporto colectivo mas não uma modalidade violenta. É um desporto que desenvolve o nosso organismo, não só fisicamente como também intelectualmente. (Tempo)

Acontecimentos desportivos

De Janeiro a Dezembro de 1979, registaram-se vários acontecimentos no desporto nacional. Registámos alguns deles.

— IV Conferência dos Ministros da Zona-II realizada em Bissau, nos dias 4 e 5 de Janeiro.

— 1.ª edição da Taça Amílcar Cabral que teve lugar na nossa capital, de 6 a 14 de Janeiro e que foi ganha pela equipa nacional do Senegal.

— Participação de uma delegação de andebolistas nacionais num seminário desta modalidade realizado em Porto Novo, capital da República do Benin, de 20 a 30 de Janeiro. Esta delegação foi contemplada com diplomas de 1.º grau nos domínios de arbitragem e treinador.

— Recepção oferecida pelo camarada Presidente Luiz Cabral, na sua residência de Bubaque, no dia 28 de Janeiro, aos elementos da selecção nacional que participaram na 1.ª edição da Taça Amílcar Cabral.

— Integração pela primeira vez de uma mulher na equipa de arbitragem como quarto árbitro. Isto verificou-se na 14.ª jornada (10 Fevereiro) do campeonato último.

— Segundo Campeonato de Futebol de Salão, ganho pela equipa de Air Algerie. A cerimónia de abertura teve lugar no dia 12 de Fevereiro, no ringue do Estádio Lino Correia.

— Visita ao País efectuada pela equipa principal de futebol do Boavista de Portugal no dia 18 de Fevereiro, no quadro do acordo entre a instância máxima do desporto nacional e a direcção daquela colectividade.

— Cursos de treinador de futebol, basquete e judo respectivamente ministrados em Bissau por três técnicos da Alemanha Democrática, durante cerca de três meses.

— Participação da equipa feminina de basquetebol das FARP, em representação do País no torneio desta modalidade da Zona-II, realizado em Conakry (República Revolucionária da Guiné) de 19 a 26 de Março, e que teve como vencedora a equipa nacional do Senegal.

— Realização pela primeira vez em Bafatá, durante o mês de Abril, do Campeonato de Futebol de Salão, no qual participaram

14 equipas de ambos os sexos.

— Os Primeiros Jogos Escolares organizados em Bissau, de 12 a 14, pela Secção de Educação Física e Desportos do Comissariado de Estado da Educação Nacional, em colaboração com o Conselho Superior dos Desportos. Neles participaram cerca de 900 jovens de todas as regiões e do Sector Autónomo de Bissau.

— O início do intercâmbio desportivo e cultural entre os Bancos Nacionais da Guiné-Bissau e de Cabo Verde assinalado com a vinda ao País (27 de Abril a 2 de Maio) de uma caravana desportiva do BNCV, que integrava ainda a equipa principal do Boavista F. C. Praia.

— Participação da Guiné-Bissau num seminário de atletismo realizado em Dakar (Senegal), de 2 a 9 de Maio.

— Primeiro Campeonato de Defeso da JAAC, realizado nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro. Este contou com a participação de 36 equipas representativas dos Bairros do Sector Autónomo de Bissau, tendo sagrado seu vencedor, a equipa do Bairro de Pilum de Cima.

— V Conferência dos Ministros da Zona-II realizada em Dakar. A Guiné-Bissau esteve representada por uma delegação chefiada pelo camarada Carlos Correia, Presidente do CSD.

— Segundo Campeonato de Defeso de Bandidim-2, ganho pela equipa da UDAK e que decorreu de 28 de Julho a 10 de Outubro.

— Vinda ao País no dia 30 de Setembro da equipa do Zénit de Leningrado (URSS).

— 1.ª Conferência Nacional do Desporto que teve lugar de 26 a 29 de Setembro, em Bissau.

— 2.ª edição da Taça PNUD ganha pela equipa do Benfica.

— Participação pela primeira vez da selecção nacional de ténis no torneio desta modalidade a nível da Zona-II, realizado em Dakar, a 15 de Dezembro.

— 2.ª edição do torneio de basquete feminino da Zona-II realizada em Dakar, de 22 a 30 de Dezembro.

— Digressão a Níger de uma caravana desportiva (selecção nacional de futebol) e cultural (Orquestra nacional Cobiana Djazz e Ballet — Esta é a nossa Pátria Amada); no dia 27 de Dezembro.

As decisões da Conferencia do desporto começam a ser cumpridas em 1980

—Entrevista com Carlos Correia

Completaram-se já três meses, desde a importante decisão de criar na época 1980 84, a segunda grande prova de futebol, o Campeonato Nacional da 2.^a Divisão para as equipas despromovidas, os dois últimos do Campeonato em curso. Os clubes promovidos seriam neste caso apurados nos Campeonatos Regionais cuja realização tinha sido marcada para esta época.

Acontece que, iniciado o Campeonato Nacional da 1.^a Divisão, as inquietações começaram-se a fazer sentir no seio dos desportistas. Como vão despromover duas equipas do escalão maior, se até aqui não se ouviu falar nada sobre os Campeonatos Regionais? As decisões vão levar assim, tanto para deixarem o papel e tornarem-se numa realidade?

Recordamos que são várias as decisões saídas da 1.^a Conferência Nacional do Desporto, cujas realizações tinham sido marcadas para esta época: — a intensificação da prática de ginástica e do atletismo, como base de todas as outras disciplinas; preenchimento tão depressa possível dos cargos vagos na Federação Nacional de Futebol (FNF), para permitir uma correcta estruturação e funcionamento dos organismos desportivos; dotar os órgãos do desporto de pessoal e meio capazes de assegurar o seu funcionamento em termos de uma mínima satisfação das necessidades; promover a criação de um estabelecimento especializado para a venda de artigos desportivos; instituição do troféu «fair play» em todas as modalidades desportivas.

A partir destas questões, estabelecemos um diálogo com o Presidente do Conselho Superior dos Desportos (CSD), camarada Carlos Correia, que ao referir-se a elas, afirmou-nos de que «a nossa 1.^a Conferência Nacional do Desporto, só terá valor, quando formos capazes de pôr na prática todas as decisões nela tomadas». Esta afirmação revela a grande preocupação deste órgão de pôr em pé todos os resultados da dita Conferência.

O PROBLEMA DE EQUIPAMENTO JÁ FOI RESOLVIDO SO FALTA SER ENVIADO

«Apesar das nossas limitações em material humano e desportivo — diz Carlos Correia, — vamos tentar pôr na prática tudo quanto se decidiu na 1.^a Conferência

Nacional do Desporto. O primeiro trimestre do ano-1980 será o período de arranque com estas decisões».

Os Campeonatos de Reservas e de Júniores deveriam ter iniciado no mês findo (Dezembro), mas a falta de material desportivo impediu o seu começo, que foi adiado para este mês. Mas este problema — falta de material desportivo, equipamento e botas em particular, — poderão vir a atrasar um pouco o início do Campeonato de Reservas, se não for resolvido a tempo e horas. Quanto ao de Júniores,

da Presidente do Conselho de Estado, Luiz Cabral e da decisão da 1.^a Conferência Nacional do Desporto, contactou o camarada Armando Ramos, Comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, pedindo-lhe que abastecesse o País de material desportivo minimamente necessário. O pedido foi aceite, e com a ajuda de uma firma de Bissau, crê-se que o material deve chegar dentro de pouco tempo.

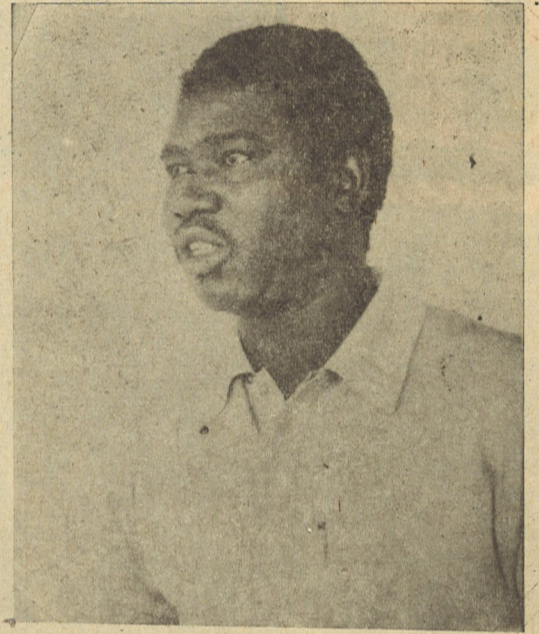
ASSOCIAÇÕES REGIONAIS ARRANCAM

Foi marcado também

sabilidade de dinamizar e massificar o desporto em cada Região. Portanto serão as Associações que organizarão e dirigirão os Campeonatos Regionais de Futebol (reservas, Júniores, iniciados e juvenis) e das restantes modalidades.

Estava fixada para o período que vai de 20 a 30 do mês de Dezembro findo, a entrada em funcionamento destas Associações (a esta altura é bem possível que isso já se tenha verificado). O seu quadro directivo será composto pelo Presidente da Região (Presidente da Associação), Delegado Regional (representante permanente da Associação), Secretário do Comité de Estado da Região, Responsável do Desporto na Região e um funcionário.

A integração nestas Associações de dirigentes do Partido e do Estado nas Regiões, tem por objec-



pulado, mas que pelo pouco tempo que as Associações dispõem para levar a cabo estas provas, não poderá ser grande.

OS LUGARES DA FNF CONTINUAM VAGOS

No que concerne à recomendação da 1.^a

tenhamos esquecido esta importante recomendação que a Conferência nos fez», sublinhou o nosso interlocutor.

Segundo ele, o assunto é muito delicado e não teria sentido apresentar ao Governo uma proposta muito vaga. Vai-se analisar com muito cuidado todas as sugestões apresentadas pelos delegados na Conferência e elaborar a partir dali, a proposta definitiva. «Contudo, asseguro que vamos apresentar esta proposta antes do fim do ano», frisou o Presidente do CSD.

Quanto aos lugares vagos existentes no quadro directivo da FNF que a Conferência recomendou àquele organismo seu preenchimento com máxima urgência, a fim de permitir uma correcta estruturação o funcionamento dos organismos desportivos, estes ainda continuam como antes da Conferência.

Não é que não existam pessoas capazes no País, o problema é que estas pessoas não aceitam trabalhar no quadro directivo como voluntários, e (sem receber dinheiro).

Para o serviço burocrático a situação é menos delicada. Basta abrir um concurso para se recrutar o pessoal necessário.

As restantes modalidades segundo confirmou o camarada Carlos Correia, vão ter igualmente os seus Campeonatos esta época. Judo, Ténis, Basquete, Volei, Atletismo e Andebol, tem o início das provas marcado para o primeiro trimestre do corrente ano.



O Futebol continua (com imagem bem bonitas...) mas a Federação quase não funciona por falta de quadros.

será autorizada o uso de sapatilhas e de camisolas sem mangas. Daí o grande optimismo do Presidente do CSD sobre o seu arranque, sem falta, ainda este mês.

Segundo o camarada Carlos Correia, o CND agindo em conformidade com a opinião do camara-

para este mês o começo dos Campeonatos Regionais, os tais que suscitam inquietação. Mas conforme disse o camarada Carlos Correia, vai-se primeiramente arrancar com as Associações Regionais. Isto, porque serão elas que, estando ligadas à FNF e ao CSD, terão a respon-

tivo, segundo o camarada Carlos Correia, responsabilizá-los pelo desporto nas suas respectivas Regiões.

Interrogado sobre o número de equipas que cada Associação Regional deverá inscrever, o Presidente do CSD disse-nos não o terem esti-

Conferência ao CSD no sentido de propor as possíveis medidas a adoptar pelo Governo em relação aos atletas que deixaram ou venham a deixar o País, Carlos Correia explicou-nos de que nenhuma proposta foi ainda apresentada ao Governo. «mas não significa que

Escola Nacional de Judo à procura de rumo

A Escola Nacional de Judo criada em 1975 conheceu nos últimos tempos um período de abalo. Oscilou, mas de momento a crise foi em parte solucionada. Nesse período de incerteza, a Escola que aumentava cada dia o número dos seus atletas, viu de um momento para outro diminuir o número dos candidatos e até a participação dos seus graduados nos treinos.

Estes dados foram recolhidos junto do camarada João Magalhães responsável pela Escola. Segundo o mesmo camarada a Escola este ano só participou em competições a nível interno o que não é suficiente... Para que um aluno adquira experiência e lime o seu melhor golpe, é necessário que combata adversários que não conheça. Isso não acontece no nosso país — acrescentou o camarada Magalhães — porque não existem outras Escolas.

Quanto a este problema, o nosso entrevistado lembrou que certos clubes poderiam divulgar o judo, como por exemplo o Sporting, Benfica e a UDIB.

Também frizou que os Comissariados deviam incentivar os seus



trabalhadores e respectivos filhos à prática do desporto. Podiam arranjar os fatos (no caso de judo) e descontar nos vencimentos dos que desejam praticar. Posto perante a falta de quadros para ensinar o Judo, Magalhães diria que «isso não constitui problema porque a Escola pode fornecer pelo menos 20 dos seus alunos para darem pelo menos a base essencial do Judo».

A Escola baixou de rendimento. Para isso contribuíram dois factores: «as férias gran-

des — porque os alunos são estudantes e neste período partem para as férias — e a falta de luz».

A escola acalentou o sonho de criar uma escola em Cantchungo. Tal ainda não aconteceu até ao momento, porque o clube onde se iria instalar a escola funciona também como cinema, o que não permite a instalação do material. Todavia, está-se a envidar esforços e pensa-se construir uma espécie de «jambará» para que a ideia se concretize. Este pla-

no encontra-se em estudo.

A Escola está directamente ligado a Conselho Superior de Desportos, não possui o rendimento em termos económicos, na medida em que é uma experiência. A frequência é gratuita para todos.

Os alunos estão a melhorar qualitativamente os seus conhecimentos. Supõe-se sim, uma maior divulgação da modalidade para que possa haver uma participação mas-siva.



Bjorn Borg 2.º Melhor do Ano

OS MELHORES DO ANO

PARIS—Dois atletas, o britânico Sebastian Coe e a alemã da RDA Marita Koch, foram designados pelos serviços desportivos da agência France Presse como campeões de 1979. Sebastian Coe bateu em seis semanas os recordes do mundo dos 800 e 1500 metros, enquanto Marita Koch realizou a façanha de ser a primeira mulher a correr os 200 metros em menos de 22 segundos, depois de ter sido a mais rápida nos 400 metros.

CLASSIFICAÇÃO DOS CAMPEÕES:

- 1—Sebastian Coe (Grã-Bretanha) atletismo
- 2—Bjorn Borg (Suécia) ténis
- 3—Vladimir Salnikov (URSS) natação
- 4—Reynaldo Nehemian (EUA) atletismo
- 5—Bernard Hinault (França) ciclismo
- 6—Jody Schecter (África

- do Sul) automobilismo
- 7—Shuozo Fujii (Japão) judo
- 8—Kevin Keegan (Grã-Bretanha) futebol
- 9—Alexandre Ditiatine (URSS) ginástica
- 10—Ray Leonard (EUA) boxe

CLASSIFICAÇÃO DAS CAMPEÃS:

- 1—Marita Koch (RDA) atletismo
- 2—Anne Marie Moser-Proell (Áustria) esqui
- 3—Martina Navratilova (apátrida) ténis
- 4—Evelyn Ashford (EUA) atletismo
- 5—Nelly Kim (URSS) ginástica
- 6—Creta Waitz (Noruega) atletismo
- 7—Mary Meagher (EUA) natação
- 8—Tracy Austin (EUA) ténis
- 9—Sanda Toma (Roménia) ginástica
- 10—Nadia Comaneci (Roménia) ginástica

As provas em disputa

(cont. das Centrais)

Desde os VII Jogos que figura sem interrupção nos programas das provas.

LUTA — Apesar das provas de luta se terem celebrado logo nos I Jogos Olímpicos, o seu conjunto mudou continuamente.

NATAÇÃO — A natação tem figurado em todos os Jogos, embora o seu programa se tenha alterado. Chegou a compreender provas de natação debaixo de água, com obstáculos, por equipas e outras. Em 1900 foi incluído pela primeira vez o pólo aquático. A

partir de 1912 inciou-se a participação das mulheres.

PENTATLO MODERNO — Estas competições realizaram-se regularmente desde os V Jogos Olímpicos (1912). A partir de 1932 (Helsínquia) o programa compreende além das competições individuais, competições por equipas. Em Moscovo, decorrerão pela seguinte ordem: Equitação, esgrima, tiro, natação e «cross».

REMO — Embora previstas para os I Jogos, as provas de remo não se efectuaram devido ao mau tempo. Mas, a partir dos Jogos de Paris, estive-

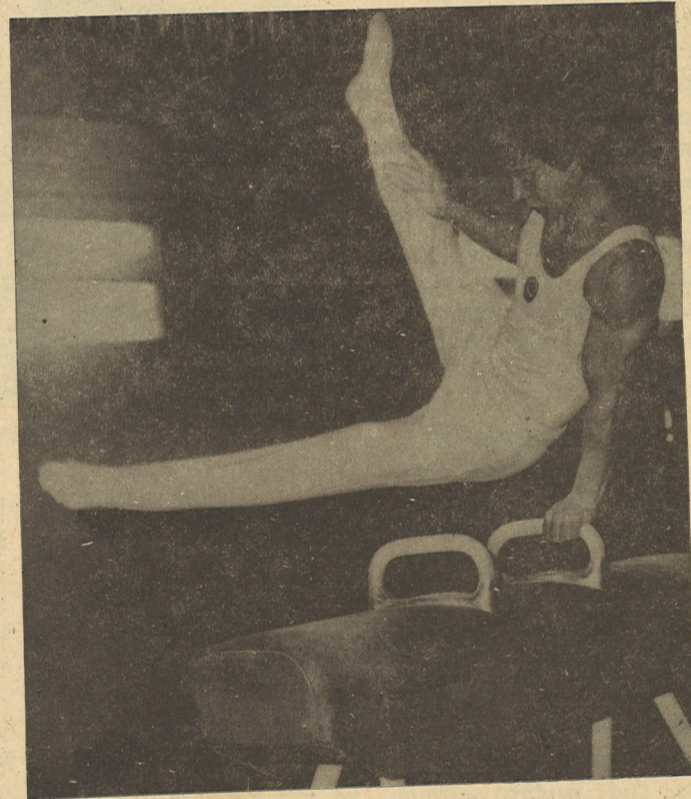
ram sempre presentes.

TIRO — As provas de tiro também se disputaram em todos os Jogos Olímpicos modernos, mas o seu programa foi sendo sempre sucessivamente alterado.

TIRO COM ARCO — As competições de tiro com arco disputaram-se nas Olimpíadas de 1900, 1904, 1908 (estas duas últimas com a participação das Mulheres) e 1920. Depois, só em 1972 regressou ao convívio olímpico. Em Moscovo, os participantes deverão disparar 288 flechas em 8 séries de 36 flechas (duas séries para cada distância).

VELA — As regatas disputaram-se pela primeira vez nos Jogos de 1900, embora, como o remo, estivessem incluídas no programa dos I Jogos Olímpicos. Desde então, excepto nas Olimpíadas de 1904, estiveram sempre presentes. Estas competições terão lugar na Olimpíada - 80, em Tailin, entre 21 e 29 de Julho, nas seguintes classes: Saling, Star, Tornado, Flying Dutchman, 470 e Finn.

VOLEIBOL — Só em 1964, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, o voleibol integrou pela primeira vez o programa olímpico. (Novosti)



A nova geração estará presente

UNIDADE LUTA PROGRESSO

NO PINTOIA



«Levar a democratização da cultura até às suas últimas consequências é um dos objectivos primordiais do PAIGC».

Cabe aos organismos especializados a tarefa de, nomeadamente, promover as condições para que as massas tenham acesso à cultura e participem activamente na criação cultural. (ver centrais)

México

Influência na história das revoluções na América Latina (Pág. 2)



A idade de ouro do grande Zimbabwé

por: Basil Davidson (pág. 3)

Editorial

Viajar no tempo

Viajar é um sentimento que os homens ainda não explicaram muito bem a si próprios e que, em certa medida, as comunidades sociais não aprofundaram devidamente.

As pessoas viajam, hoje em dia, tal como vivem: apressada e distraidamente, condicionadas pelos *motivos* da viagem, incapazes, não raro, de repararem na qualidade moral dos gestos, de certos acontecimentos que se produzem à sua volta, sem reflectirem sobre a profundidade ou a variedade da paisagem, durante a viagem doméstica ou por terras estranhas e distantes. Mas a viagem marca as pessoas e entrega-lhes, talvez, sem elas disso se aperceberem, o desempenho abstracto de certas tarefas sociais e culturais cujo utilidade está assinalada nos projectos da paz mundial, muito mais do que nos impressos turísticos dos hotéis e das agências de viagens. Nos projectos da paz mundial, da aproximação autêntica entre os homens de vários continentes e nações. Nos projectos, ainda, da permuta regular de conhecimen-

tos técnicos e científicos. A viagem, que, no entanto, nunca se repete, que nunca é igual e que constitui sempre descoberta, enriquece por isso mesmo aquele que se desloca de uma povoação ou de uma cidade para outros centros de actividades e de convívio.

Este conceito pode aplicar-se a todo o espaço universal.

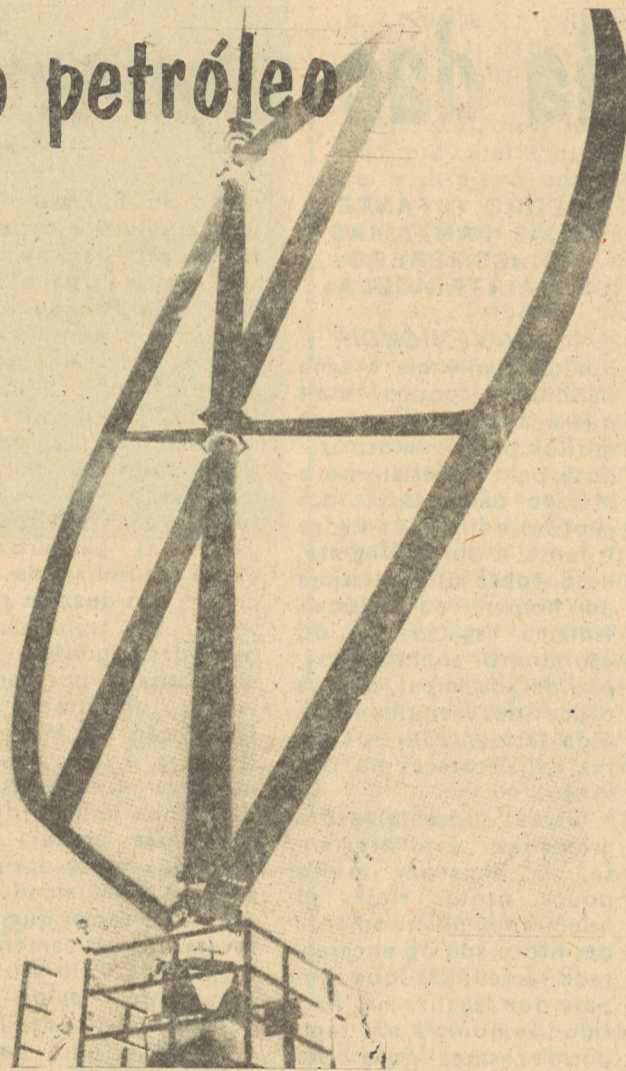
O homem que, com uma ou duas malas, viaja de Catió na direcção de Bolama, é igual, potencialmente, na sua disposição, àquele outro homem que, com mais ou menos malas, mais ou menos embrulhos, se desloca do Uruguai, para a Tailândia. Porque o homem, todo o homem que viaja, põe em movimento a alma e todos os seus reflexos para o registo e a colheita impressiva de todos os rostos, de todos os gestos e emoções, de todas as paisagens e tipos de actividade ou modos de entender e organizar a vida. Em qualquer caso, o viajante é a expectativa de si próprio e de muitas outras pessoas que, sem se moverem do local

onde normalmente fazem a sua vida, podem receber dele influências, novidades, revelações que toda a natureza humana pode transmitir.

Nesta aparente e repetida indiferença de viajar (viajar acontece todos os dias), oculta-se um tesouro de cultura, de matéria para reflexão, de surpresa para o espírito. Imagine o leitor (que, se calhar, nunca sai de Bissau), o que teria para lhe contar um camarada que, solitário, desconhecido, acaba de desembarcar no cais do Pindjiguiti, chegado das *ilhas*, da maravilha dos Bijagós, com toda a sua carga de alma insular onde se cruzam culturas, sonhos, histórias do quotidiano, tradições, lembranças de ontem, contos de bisavós, pesadelos e triunfos da vida! É por isso que a viagem de um homem nunca é tão insignificante como poderá parecer. Ele próprio, ao viajar, adquire a forma dos sonhos e da curiosidade ou imaginação de outros homens. E a sua viagem tem o sabor permanente do recado e da novidade, como as viagens de todos nós, por dentro e por fora das nossas fronteiras.

Drama dos países desenvolvidos

Como poupar e substituir o petróleo



Experiência para o aproveitamento da energia do vento, nos laboratórios de Albuquerque (Novo México), nos Estados Unidos.

Descoberta nova molécula do ADN

Uma equipa de cientistas do Massachusetts Institute of Technology (MIT) acaba de descobrir nova molécula de ácido desoxirribonucleico (ADN), sede da memória genética de todas as formas de vida.

Segundo o professor Alexander Rich, o biofísico que dirige a equipa de cientistas, esta nova molécula difere, fundamentalmente, das até hoje conhecidas, por possuir a sua dupla espiral com enrolamento para a esquerda, ao passo que todas as moléculas do ADN até hoje conhecidas, desde há 26 anos, tinham a dupla espiral enrolada para a direita.

A variação agora descoberta poderá constituir, segundo o professor Rich, o agente catalisador que permite às substâncias cancerígenas provocarem o cancro.

Foi em 1953 que os drs. James Watson e Francis Crick descobriram, pela primeira vez, a molécula do ADN, bem como a sua estrutura contendo as informações necessárias à reprodução hereditária das características das células. Pela descoberta, viriam a ser galardoados com um Prémio Nobel.



em 1910, 1913, 1915, no México, as principais constantes. Mineiros e camponeses comiam pão amassado em suor e humilhações cruéis. A «justiça», no interior do país, era exercida por agressivos guardas rurais que, exactamente como a sinistra Guarda Nacional de Anastasio Somoza, assassinavam para agradar e tranquilizar os patrões.

3. VILLA E ZAPATA — Foi neste cenário de vida amarga que se formaram e se agigantaram homens como Doroteo Arango, celebrado com o nome lendário de Pancho Villa. Homens como Emiliano Zapata, que arrastou os campo-

dem social e económica no México. Digamos que os mais cultos não foram capazes ou não quiseram (!) compreender e ajudar aqueles que, como Pancho Villa e Emiliano Zapata, vinham das camadas mais humildes e mais castigadas do povo mexicano e encaravam por isso os factos com a desconfiança e a rudeza frontal dos homens simples e de mãos calejadas.

4. UMA IMENSA RESERVA MORAL — Mas, até nestes aspectos a Revolução mexicana ofereceu aos outros povos da América Latina uma imensa reserva de experiências, uma valiosíssima contribuição prática, pois está redondamente prova-

bou logo no ano seguinte (1925). Mas essa confrontação veio fermentando já lá de trás, desde 1913-17. O clero, espectralmente, minou a consciência dos pobres com historietas da carochinha. Mas havia clero reaccionário e clero progressista. O Governo mandou trancar as portas dos colégios, seminários e outras instituições dirigidas por sacerdotes «feitos» com a reacção. Surgiram insurreições armadas. O governo não cedeu. Depois, as coisas harmonizaram-se. Mas houve quem tivesse sonhado com o regresso dos «tribunais» da Inquisição, terríveis.

operavam no México, e exploravam o petróleo daquela nação. Foram episódios dos mais sombrios da história do México. Proprietários de terras onde havia petróleo e que não quiseram cedê-las às companhias, foram simplesmente assassinados. Houve, ainda, falsificações enormes e foram queimados montes de documentos, propositadamente, documentos que denunciavam as falcatruas e a gula criminosos dos interesses estrangeiros; documentos que denunciavam friamente as manobras dos terríveis vampiros do «ouro negro» mexicano.

Influência de um povo e de uma nação na história das revoluções na América Latina

1. DEMOCRACIA APROFUNDADA — As pessoas que, recentemente, com ou sem surpresa, leram nos jornais as notícias sobre os novos partidos que apareceram na cena política do México, talvez não tenham avaliado de imediato todo o significado desse importante passo visando o aprofundamento da democracia naquele espantoso país da América Latina. Os 28 milhões de mexicanos que elegeram o novo Parlamento contribuíram, sem dúvida, para que o mesmo se tornasse talvez o mais representativo de sempre na história sócio-política da grande nação. História rica, salpicada de grandes e formidáveis tempestades humanas. História fantástica, a história do México e, sobretudo, a história da Revolução mexicana.

2. UM DESCONHECIDO — Entretanto, de um modo geral, o México é um desconhecido. Mesmo assim, um desconhecido que atrai, estranhamente, os menos bem informados da superfície universal. Muita gente optou pela atitude mais simples ou mais cómoda: conservar da nação mexicana a imagem «folclórica» e paisagística, que, sob formas avulsas, lhe foi algures impingida. Com essa atitude, as mesmas pessoas fazem da história verdadeira do país dos «aztecas» uma leitura apresentada, leviana e sem qualquer sentido de pesquisa ou de solidariedade humana.

Felizmente, não haverá em toda a América Latina e noutras parcelas do Mundo um único revolucionário, idealista ou amigo da justiça que desconheça a influência decisiva e grandiosa do México nos fortes impulsos do nacionalismo latino-americano.

PEDRO INFANTE E AS FANTASIAS DO «SOMBRERO» E DA «TEQUILLA»

1. CONVENIÊNCIA — Por conveniência e uma habilidade pouco mais que «carun-chosa», em muitos países «motorizados» pelo imperialismo o México não passava das canções e filmes de Pedro Infante e Jorge Negrete, da anedota estafadíssima do homem da «ciesta» (soneca regalada) e do «sombbrero ancho» (chapéu de aba larga), ou dos cálices de «tequila» (bebida fermentada) nos bares de Zacatecas ou Durango...

Estas manipulações grosseiras, evidentemente, já enganam muito pouca gente. Hoje, só quem anda positivamente desinformado ou encarado acreditará que um país que legaliza um Partido Comunista em tempos de recarga neofascista como hoje acontece no mundo, possa fazê-lo sem ter atrás de si uma forte e longa tradição de luta e inconformismo, reflexão e persistência.

2. O FERRETE DAS DITADURAS — O povo mexicano experimentou, duramente, na sua carne e no seu espírito, o ferrete das mais violentas ditaduras, em especial nos princípios deste século. Porfirio Díaz, um militarão fascista, foi presidente do México durante mais de 30 anos e com ele no poder muitos e terríveis foram os abusos da classe privilegiada sobre a maior parte da população mexicana (camponeses e mineiros). «Don Porfirio» tornou-se, como o seu continuador, Victoriano Huerta, um ditador ao estilo de Somoza ou Videla. A diferença: viveu noutra época. O crime e a exploração das massas trabalhadoras, o esmagamento dos índios, eram,

neses do Sul para uma luta corajosa e consciente, em prol de uma reforma agrária justa e revolucionária. Pancho Villa e a sua figura complicada e ardente fizeram correr rios de tinta, dentro e fora do México. De humilde origem campesina, Villa começou por ter uma acção mista de aventureiro e justiceiro, vingando as patifarias da classe endinheirada e os crimes dos guardas rurais sobre os trabalhadores humildes e indefesos. Mas ele acabaria por ser um vulto importante da Revolução Mexicana. Não era o que se costuma dizer «um político», não tinha cultura dialéctica, mas possuía uma profunda noção das situações de desigualdade económica e social que separavam dramaticamente os mexicanos. Pelo seu temperamento, pelos seus gestos arrebatados, instintivos sobretudo, Pancho Villa acabaria por ser um dos elementos que dividiram a Revolução, que fizeram mexicanos revolucionários hostilizar-se e combater entre si. Mas as suas responsabilidades são inferiores às do líder Carranza, que prometeu uma democracia aos mexicanos (1914-17) e somente cometeu traições e autoritarismos vingativos. Carranza, muito mais ambicioso que Pancho Villa e principalmente e subtil, é o grande responsável pela «doença» moral que vitimou a Revolução mexicana quando ela dava passos decisivos para a vitória final. Que não surtiu. Erros tremendos, depois do derrube dos fascistas Porfirio Díaz e Victoriano Huerta, dividiram os revolucionários ou desmascararam, gravemente, alguns dos que se consideravam a favor duma alteração radical da or-

do que os homens não de aprender até morrer... (Afinal, não era só Pedro Infante, Jorge Negrete, as canções, os cálices de «tequila», a lenda do «sombbrero»). O México, como reserva moral de valores revolucionários, tem e terá sempre muito para fornecer.

IGREJA, PETRÓLEO E REFORMA AGRÁRIA

A Revolução mexicana foi obrigada a enfrentar as situações mais ingratas e complicadas: teve de lutar em várias frentes, antes e depois da era de Pancho Villa e Emiliano Zapata. Primeiro, contra o inimigo tradicional, os ditadores no poder, aliados dos grandes proprietários; depois, contra as suas próprias divisões internas, motivadas por excessos de pessoalismo ou sentimentos de traição; por último, contra o enorme circuito da reacção interna, na qual figuravam a igreja, muitos estrangeiros com interesses económicos poderosos e a multidão habitual de saudosistas.

1. CONFRONTAÇÃO DIFÍCIL — O Governo mexicano foi obrigado, em 1924 (reparem que já não estamos em 1913-17), a tomar medidas energéticas para acabar com o levantamento reaccionário de sectores da igreja que aliciavam os camponeses. Portanto, 1924. Ou seja, a Revolução vibrou e esperneou o mais que pôde, ao longo do tempo. Mortos Villa e Zapata, não morreu a Revolução. A luta arrastou-se. As correntes moderadas e reaccionárias tomaram por fim o poder.

2. AINDA A IGREJA — Foi realmente uma confrontação difícil e que, por felicidade, aca-

3. DESGASTE ANTES DO TEMPO — Mas o conflito com a igreja serviu também, uma vez mais, para desgastar as estruturas naturalmente mal fixadas, ainda, da revolução social iniciada no México em 1910. Entretanto, o país seria agitado por novo tipo de conflitos e paixões de extraordinária gravidade. Por um lado, o petróleo e a cobiça raiosa das companhias estrangeiras. Por outro lado, a grave questão da reforma agrária, questão começada praticamente na primeira década do século, quando o revolucionário Zapata defendeu para os camponeses do sul do México a aplicação do célebre «Plano Ayala». Tal como a questão do petróleo, a distribuição das terras foi uma fonte trágica de paixões e injustiças. Morreram centenas e centenas de mexicanos.

4. OS VAMPIROS DO «OURO NEGRO» — Um rosário de crimes, no México, ficou a assinalar a questão do petróleo. A gatunagem imperialista fez o seu «trabalhinho» a luz do dia, com um descaramento incrível, roubando, assassinando, amontoando lucros sempre fabulosos. Falar das potencialidades petrolíferas do México no princípio do século é o mesmo que pôr em movimento um formidável documentário de riquezas. Basta citar alguns números fortes. Em 1911, produziram-se 12 milhões e 500 mil barris de petróleo. Em 1916, foram 40 milhões e em 1921 nada menos de 193 milhões de barris. Mais tarde, por isto e por aquilo, a produção começaria a baixar, mas verdadeiramente importante é o «relatório» das lutas entre as companhias estrangeiras que, de papo cheio,

5. HUMILHAÇÕES INESQUECÍVEIS — E aconteciam ainda, por causa do petróleo, outras coisas chocantes e bárbaras. Por exemplo, aos donos legítimos dos terrenos petrolíferos que eram expropriados, as companhias pagavam miseráveis humilhantes até ao impossível. Há o caso do proprietário das terras de um poço que produziu 75 milhões de barris e a quem a criminoso companhia exploradora, dentes arreganhados, pagava a brincadeira insultuosa de mil pesos anuais de «renda»! A outro proprietário mexicano de área de um poço de petróleo (na região de Chianampa), que produziu 70 milhões de barris, os acupantes e usurpadores pagavam, desavergonhadamente, 150 pesos por ano! Certamente que isto, contado, não dá para acreditar. Mas também não dá para rir. O que, nesses anos não muito distantes, de 1910, 1913, 1915, 1917, 1920, 1925, acontecia no México, deve ser meditado por cada um de nós. Tudo isso tem um significado que importa não esquecer nunca. Essas companhias gananciosas não se limitaram a lutar entre si com ciúmes umas das outras, a ver quem lucrava mais e do modo mais fácil. Lutaram e afiaram as garras principalmente contra o Governo mexicano e contra o povo mexicano.

Crianças-futuro da humanidade



A Conferência da Infância celebrada em Moscovo este ano, ofereceu uma excelente possibilidade de estudar profundamente as múltiplas necessidades que devem ser satisfeitas para assegurar o futuro de todas as crianças do mundo.

O documento dirigido aos governos, parlamentos e partidos aprovado na sessão plenária final contém um extracto das condições em que vivem milhares de crianças no século XX e exorta a tomar medidas urgentes.

Em Moscovo reuniram-se em Setembro, 332 delegações de 130 países, representantes de 48 organizações internacionais e regionais assim como de oito organismos especializados das Nações Unidas.

Com o propósito de proporcionar «um futuro de paz e segurança para todas as crianças», os delegados trabalharam intensamente, em quatro comissões e analisaram as actividades dos governos e as disposições da Declaração dos Direitos da Criança aprovada pelas Nações Unidas há 20 anos.

Representantes de organizações sociais, femininas, científicas, religiosas e juvenis chamaram a atenção mundial acerca das condições sociais, económicas, culturais e educacionais necessárias para o bem-estar das crianças. Denunciaram as

trágicas condições de vida das crianças em diversas regiões que as provocam.

As informações das quatro comissões, as intervenções dos delegados e o documento apresentado por Frieda Brown, presidente da Federação Democrática Internacional da Mulher, eleita por unanimidade presidente da Conferência, expuseram dramaticamente os problemas que enfrentam as crianças da actualidade.

e da colaboração entre os povos, os êxitos da luta das forças sociais pela paz, a libertação nacional, a justiça e a democracia. A adopção pela ONU, em 1959, da Declaração dos Direitos da Criança tem sido um dos factores importantes para se pôr em prática a protecção dos direitos e interesses da jovem geração.

de idade, o que significa que um em cada quatro habitantes do planeta é uma criança.

Mais de 800 milhões de crianças, em 109 países, vivem em áreas rurais sub-desenvolvidas, mais de 500 milhões de crianças vivem em condições extremamente difíceis e outras 200 milhões sofrem de fome e desnutrição.

A fome continua a ser um flagelo para a infância. O Congresso Panamericano de pediatria, celebrado em



Constataram que no decurso dos últimos anos têm surgido novas possibilidades para melhorar as condições de vida das crianças que se devem à distensão internacional, a extensão da compreensão

ALGUMAS ESTATÍSTICAS GERAIS

De acordo com a UNICEF há actualmente no mundo 1.558.200.000 crianças de zero a 15 anos

1976 no Rio de Janeiro, indicou que na América Latina, em cada 30 segundos morre uma criança de fome. Igualmente, 20 por cento das crianças dos países sub-desenvolvidos morrem antes

dos cinco anos. *Uma das mais altas taxas de mortalidade infantil do mundo é da população negra na África do Sul: 300 mortos por cada mil.* Quase 21 milhões de crianças nascem pesando menos de 2500 gramas, como consequência da má nutrição pré-natal e durante o primeiro ano de vida.

Conforme os estudos realizados pela Organização Internacional do Trabalho, 52 milhões de crianças são economicamente activas. As estatísticas da OIT dizem que os jovens entre os 10 e os 14 anos constituem quatro por cento da força de trabalho dos países capitalistas industrializados e 30 em países sub-desenvolvidos. A Conferência de Moscovo advertiu que esse tráfico rentável, onde a força de trabalho infantil é mais barata, se contradiz com o princípio nove da declaração do Direito da Criança.

A conferência recorreu a opinião pública que Israel utiliza para o assassinato das crianças árabes artefactos explosivos em forma de foguete.

Na América Latina as crianças estão submetido ao terror e à violência desmascarada nos países como o Chile, Uruguai, Paraguai, Guatemala, São Salvador e Haiti. Expuseram-se muitos casos, como a situação das crianças saharauis e os que vivem sob o regime do apartheid. Denunciaram as condições de vida das crianças nos países capitalistas industrializados, que sofrem as consequências das crises económicas, e inflação. O negócio da pornografia infantil é uma ganância anual de dois milhões e 200 mil dólares.

Segundo cifras oficiais, na Itália, 600 mil crianças menores dos 15 anos trabalham entre 10 a 12 horas diárias por salários mínimos. Só em 1976, mil e cem crianças italianas morreram em acidentes de trabalho e muitos outros ficaram lesionados.

Calcula-se que só em Nova Iorque o número de drogados entre os estudantes é de 68 mil.

ALGUMAS SITUAÇÕES CONCRETAS

A terceira comissão escutou as intervenções dos delegados acerca da situação das crianças que vivem nos países onde há conflito armado, opressão colonial e neocolonial e regime repressivos e fascistas. Aí se denunciou que 60 por cento das vítimas da agressão dos Estados Unidos ao Vietnam, foram crianças e a finalizar a guerra esse país enfrentou o problema de um milhão de crianças órfãos.

Outra guerra, esta vez no Líbano, deixou cinco mil órfãos e 270 mil crianças encontraram-se em acampamentos de refugiados em Beirute. Igualmente, os campos de refugiados palestinos no Líbano são alvos de contínuos ataques aéreos dos israelitas, com os mais diversos tipos de armas, incluindo bombas de napalm e de fragmentação.

A PAZ E O DESARMAMENTO

A paz é indispensável para assegurar o direito à vida, ao bem-estar e ao desenvolvimento armónico, físico e mental das crianças. Por isso, a luta contra o armamento é um dos problemas mais importantes do momento. Dos quatro bilhões de dólares que se gastam anualmente na fabricação de armas, 400 milhões bastariam para alimentar 200 milhões de crianças famintas.

Estatísticas oficiais da UNESCO indicam que um bombardeiro supersónico moderno custa o equivalente ao salário anual de 250 mil professores, mas, no entanto existem no mundo 800 milhões de analfabetos. (P.L.)

Certos governos árabe deturpam o islamismo

— disse um velho saharoui ao "Nô Pintcha

«Um velho sentado vê mais longe que um jovem de pé» — Este provérbio da sabedoria dos antepassados, foi pronunciado por um velho de 84 anos de idade, durante uma conversa com um grupo de jornalistas estrangeiros (incluindo o repórter do «Nô Pintcha») em visita às regiões libertadas do Sahara, durante o passado mes de Novembro.

Este provérbio saltou da boca do velho Ahmed Ould Yarah Alba, a propósito do resumo que fez sobre a sua experiência vivida desde os tempos de resistência anticolonial:

«A nossa experiência não se dissocia da tradição e do modo de ser do nosso povo. Cada pessoa nasce e mama já no leite materno a experiência dos mais velhos, o espírito de luta embuido no sangue dos nossos pais que sempre ofereceram forte resistência às tentativas de colonização dos portugueses, franceses, ingleses e espanhóis. Sempre fomos os mártires da guerra e vamos continuar a guerrear por gerações fora, enquanto outros regimes continuarem a querer humilhar-nos, a tentar subjugar-nos».

O veterano da resistência anti-colonial, Ahmed Alba, falou da pureza do Islamismo na sociedade saharoui, relacionando-a com a prática de liberdade de agir das mulheres perante os homens e criação de seus próprios bens e economia quando o desejarem.

Em certos países árabes, o Estado conformiza-se com a proibição disso e de mais outros hábitos do povo. Os Estados desses países tam-

bém apoiam Governos que massacram outros povos, quando a lei do Islão não concorda com tudo isso. Então onde teriam inventado o seu «Islão»?

Ele informou também que o rei Hassan II de Marrocos é um dos homens pouco escrupulosos que tenta enganar o mundo muçulmano utilizando o islão como bode espiatório para os seus actos de crime. Assim, em Marrocos, um capítulo da sagrada escritura do «Al-Corão» que fala sobre o pecado daquele que massacra e domina outros povos injustamente, foi censurado nas escolas do «Al-Corão» para o povo marroquino não conhecer a verdade.

O velho foi um pouco mais longe. «Costumava-se dizer que a Arábia Saudita é o berço, o centro do Islamismo. No entanto, nós não ignoramos que o dinheiro pago por milhares de peregrinos a Meca, percorre canais esquisitos até aos Estados Unidos e reverte em armas para Marrocos nos atacar no Sahara. Será que o mundo muçulmano é assim tão submisso a ponto de não poder tomar medidas contra esses homens que desviam o caminho de paz e de justiça preconizado pelo puro Islão».

Ainda nas palavras deste interlocutor, o que interessa para o povo Saharaoui não são os Governos que se afirmam árabes mas falsos. «O que nos interessa são as ajudas que os povos do mundo nos dão, sejam eles islâmicos ou não. E nunca esqueceremos aqueles que estão a nosso lado na hora mais difícil, na hora do perigo».

Artes da cena

Ir ao campo incentivar a criação dos artistas tradicionais

Para o Departamento das Artes da Cena, o ano de 1980 será marcado pelo início das pesquisas sobre a música e arte popular nas regiões do país e, por outro lado, pelo lançamento de mais um disco «LP», do Cobiana Jazz — informou numa entrevista ao «Nô Pintcha», o camarada Aliu Bari, responsável dessa Orquestra Nacional.

As dificuldades — factores próprios de uma luta de Reconstrução Nacional e de desenvolvimento — são do conhecimento de grande parte dos cidadãos nacionais. Contudo muito público desconhece ainda os factos reais e, como tal, é vulgar ouvir-se críticas condenadoras, em conversas de café e através de cartas de leitores chegadas à nossa Redacção, sobre um certo «imobilismo» do departamento das Artes da Cena e do «silêncio» do Instituto Nacional do Cinema, que

mo alguns dizem. Os dois grupos têm sabido unir as forças para ultrapassar certos obstáculos. Porém, as dificuldades são enormes, nomeadamente a falta de salas apropriadas para ensaios teatrais e musicais.

Por isso, o departamento tem em plano: a reestruturação do recinto de festas de «Tiro aos Pratos», que servirá de ensaio para o ballet nacional e o Cobiana.

Estão igualmente programadas deslocações sistemáticas dos elementos do ballet teatral e do Cobiana Jazz para as regiões do país, a fim de detectar artistas (tradicionais e modernos) e estimular a sua criatividade.

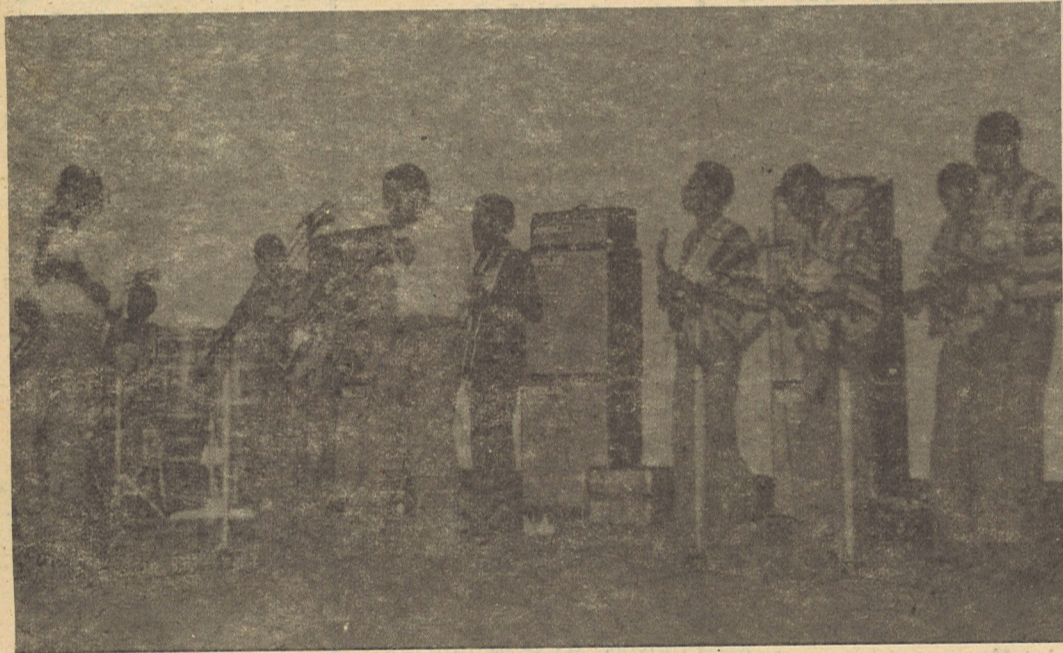
«O nosso trabalho de intérpretes culturais só poderá ser original, se nos inspirarmos nas fontes tradicionais que são os nossos velhos e camponeses».

Entretanto, o nosso entrevistado apresenta

tem a nível de outros sectores. Por isso não podemos ficar parados. Faremos esforços pelos nossos próprios meios, porque só os instrumentos não resolvem por si só, o problema».

Os dois agrupamentos enquadrados pelo departamento das Artes da Cena, têm efectuado viagens de intercambio cultural a outros países, nomeadamente a Cabo Verde, ao Senegal, Angola, e recentemente ao Níger. O camarada Aliu Bari, ao fazer a apreciação sobre os êxitos do Cobiana no estrangeiro, mostrou-se seguro da capacidade de desenvolvimento desse conjunto, tendo atribuído os seus progressos a uma evolução geral dos artistas e da música nacional, dentro da qual o Cobiana é apenas uma dos elementos de dinamização, assim como o são tantos outros conjuntos musicais do país.

Porém, ele aponta co-



já filmou muitos acontecimentos do país (ver o resumo em caixa, ao lado, sobre o INC).

Com sede provisória nas instalações do antigo Lar de Estudantes, o Departamento das Artes da Cena, integra o ballet nacional, «Esta é a Nossa Pátria Amada» e o agrupamento musical, Cobiana Jazz Nacional, cujos componentes concluíram um estágio de música, de dois anos, em Cuba em 1978.

Segundo os esclarecimentos do chefe da orquestra nacional, o trabalho não está parado, co-

como factor indispensável para a execução dessa tarefa, os meios de transporte, cuja falta poderá limitar o seu alargamento conveniente.

Aliu Bari referiu-se ao apoio do Governo que conseguiu já equipar o conjunto musical nacional com instrumentos de alta qualidade e algum material ao grupo teatral e fez notar que: «na situação em que se encontra o nosso Estado, é difícil que o Governo dispunha de todas as possibilidades de nos atender em tudo, devido às grandes preocupações que exis-

mo lamentável o facto de existir pouca ligação e harmonia nas acções entre todos os conjuntos do país. Cada um trabalha da sua maneira e isso pode afectar o bom desenvolvimento dos agrupamentos similares. Nesta base, ele pensa que o departamento das Artes da Cena devia realizar rapidamente uma das tarefas que lhe foi confiada pela Direcção-Geral da Cultura: a de reunir os agrupamentos musicais na perspectiva da criação da União dos Artistas e Escritores da Guiné-Bissau.

Filmar a reconstrução objectivo do INC

Criado em 1978, o Instituto Nacional de Cinema dispõe do essencial para rodar filmes e proceder à sua montagem no país. Com este material, o INC tenciona, de imediato, realizar documentários sobre os diversos aspectos do nosso esforço na obra de Reconstrução Nacional desde 1974 e, possivelmente, um outro sobre a alfabetização de adultos. Vários filmes já foram produzidos, tais como «O regresso

de Cabral», «Os dias de Ancono» e outros ainda em vias de conclusão.

Mas, para uma instituição com um carácter essencialmente político-ideológico e dispondo de uma poderosa arma de mobilização e sensibilização das massas populares, como é o caso do cinema, o INC está muito aquém da meta que se propõe atingir. Aliás, é a própria direcção quem reconhece essas

limitações, ao afirmar que, como todo o país, o INC conhece dificuldades, agravadas pelo facto de ter que pagar tudo no estrangeiro, portanto com divisas o que implica elevados encargos.

Não dispondo de laboratório, o INC vê-se obrigado a revelar as películas e realizar o resto dos trabalhos no exterior. Assim, foram necessárias quase 300.000 coroas suecas (cerca de 2.400.000 PG.) para revelar

*Estória
do Menino Valente*

**Havia um pássaro
esquisito numa terra,
que cada vez que cantava,
ficava noite, tudo escuro,
nada se via.
Quando o pássaro
ia-se embora,
ficava dia outra vez.
E todos saíam à rua,
contentes.
Mas, cada vez que
o pássaro aparecia
e cantava, ficava
escuro e o sol
desaparecia.**



BOB MARLEY

Bob Marley nasceu a 6 de Abril de 1945 em Rhoden Hall, na Jamaica. Seu pai foi capitão da armada britânica. Sua mãe, jamaicana, cantava num coro religioso e compunha ela mesma «spirituals». Cinco anos depois do seu nascimento, encontramos Bob Marley em Kingston, a capital; em 1958, ele vive em Trenchtown, que é o «ghetto» mais desolador da capital jamaicana, o equivalente, se o podemos dizer, das partes mais sórdidas do Harlem Nova-Iorque (Bob Marley intitulará mais tarde, uma das suas canções de «Trenchtown»). Mas, além de ser um ghetto, este bairro miserável é também uma verdadeira mina de músicos, e foi lá, na rua, que Bob Marley teve as suas aulas de música.

Em 1961, Marley, contando então 16 anos, grava a sua primeira canção, «Judge Not». No

ano seguinte, seu amigo Jimmy Cliff apresenta-o ao seu produtor, Leslie Kong, e grava uma segunda canção, «One Cup, One Coffe». O sucesso ainda não vem.

Dois anos mais tarde, em 1964, é o verdadeiro começo do grupo «The Wailing Wailers», (que virá a tornar-se no «The Wailers») e que compreendia além de Marley, senhores como Bunny Livingstone, Peter McIntosh (Tosh), Junior Braithwaite e Beverley Kelso. Os «Wailing Wailers», quinteto vocal por não terem dinheiro para comprar os instrumentos) conhecem os seus primeiros sucessos locais: «I'm Still Waiting» e «Summer Down», compostos por Marley e «It Hurts To Be Alone» de Junior Braithwaite. Infelizmente Kelso e Braithwaite abandonam o grupo. Restam somente Tosh Livingstone e Marley.

Em 1970, «The Wai-

lers» começam a trabalhar com o produtor Lou Perry. «Catch A Fire» seria o primeiro álbum deste Wailers reformulado, e, ao mesmo tempo talvez o primeiro álbum de «reggae» destinado verdadeiramente à exportação, quer dizer realizado para conquistar o público rock-pop, particularmente dos EUA e da Europa. Os irmãos Barret (Aston «Family Man» e Carlton) participam na gravação deste álbum, e são incluídos desde então nos «Wailers».

Outros álbuns seguirão «Catch A Fire»: «Natty Dread», «Live», «Rastaman», «Vibration», «Exodus», «Kaya». Todos eles foram grandes sucessos comerciais e, musicalmente é o «reggae» de muito boa qualidade. No momento da gravação dos seus últimos sucessos «The Wailers» compunham-se de Bob



Marley (vocalista e guitarra), Aston «Family Man» Barret (baixo), Junior Marvin (viola solo)

Tyronne Downie (metais), Carlton Barret (bateria), Alvin Peterson (percussão) e os I-Threees (coros).

REGGAE: UMA CRIAÇÃO DO POVO

O «reggae», a mais alta expressão na Jamaica, da música popular contemporânea, constitui o acompanhamento, obrigatório das actividades diárias dos milhares de habitantes desta ilha anglofona das Caraíbas.

Cada Jamaicano tem a sua própria versão sobre como e donde surgiu este ritmo, qualificado pelos musicólogos, como a primeira contribuição desta ilha para o panorama musical do mundo moderno.

Segundo a versão mais corrente, surgiu como tal em 1968, quando Frederick «Toots» Hilbert e o seu grupo «Los Maytals» gravaram o álbum «Do The Reggae», primeira contribuição ao que é hoje o ritmo de milhares de canções difundidas em todo o mundo.

O «reggae» tem diversos estilos e formas que o tornam numa das manifestações musicais de maior amplitude, actualmente. A sua forma pode ser lenta ou rápida, fria ou expressiva, e o seu conteúdo vai desde o protesto social mais cru aos sentimentos amorosos mais puros, passando pela narração, de feitos políticos, económicos e sociais de grande relevância.

O «reggae» nasceu no sector oeste de Kinston, onde estão radicadas as famílias mais pobres do

país e onde a comunidade mostra os índices sociais mais problemáticos.

Na Jamaica, está muito difundida a afirmação de que para interpretar o «reggae» é preciso ter sofrido a dor, fome e a angústia da insegurança.

RAÍZES DO VOCÁBULO E A DIFUSÃO DO «REGGAE»

Possivelmente, a origem deste vocábulo, que se utiliza para designar um tipo específico de música, contribuiu para dar uma ideia mais clara sobre os antecedentes populares do ritmo.

A palavra «reggae» associa-se com o localismo «reg-jags», procedente da expressão inglesa «rags and jags» utilizada para denominar a roupa esfarrapada, andrajosa e cheia de listras.

Com a evolução da língua, a expressão adquiriu através do crioulo, o «patois» jamaicano, um maior simbolismo auditivo ao transformar-se em «reggae-règgae».

Numerosos grupos estrangeiros incluíram peças do «reggae» nos seus repertórios, e muitas pessoas se surpreendem ao saber, por exemplo, que o «Obla-di Obla-da», levados pelos Beatles à fama mundial, foi um dos

primeiros «reggaes» compostos na Jamaica. Os Beatles, o seu antigo componente Paul McCartney, Elton John, os Rolling Stones e mais outros, encontram-se entre os britânicos de primeira ordem que, de uma forma ou outra, se sentiram atraídos por este ritmo. Ocorreu o mesmo com as americanas Barbara Streissand, Aretha Franklin e outros que também interpretam canções do «reggae».

AS ORIGENS, A EVOLUÇÃO

Como qualquer outro fenómeno social nas Caraíbas de expressão inglesa, as origens do «reggae» remontam ao tempo em que se constituiu o triângulo geográfico formado no século XVII pelos portos de Liverpool e Bristol com a costa ocidental da África, quando as colónias inglesas de então, começaram a abastecer-se de mão de obra escrava.

A presença africana na Jamaica, através do comércio dos escravos, constitui uma das primeiras manifestações do colonialismo, pelo que esta migração deu bases ao contingente étnico maioritário na maioria das ex-colónias britânicas.

Com a abolição da

escravatura e o desenvolvimento de uma nacionalidade jamaicana própria, afirmou-se uma cultura local com marcos inéditos, enriquecidos pela interrelação entre os habitantes desta ilha e outros povoadores da área, fundamentalmente com os negros do sul dos Estados Unidos.

A rádio e outros sistemas de difusão contribuíram mais tarde para o fluxo e intercâmbio de ideias, costumes, hábitos e músicas. A imigração em ambos os sentidos foi também outro factor influente na comunicação constante com o povo negro norte-americano que criou as suas próprias expressões artísticas, entre as quais os destacados «blues».

Os «blues» procedentes de Nova Orleans e outras cidades e regiões dos Estados Unidos, adquiriram na Jamaica a forma de baladas lentas, muito suaves.

A partir dos anos 50, quando nos Estados Unidos os «blues» foram desprezados pelo «rock and roll», os artistas jamaicanos derivaram «hacia el ska», a primeira manifestação puramente da ilha que transcendeu as fronteiras nacionais.

O «ska» surgiu no ano de 1962, quando a Jamai-

ca se erguia como nação independente da Inglaterra, depois de mais de trezentos anos de colonização. O nome desta música veio do som produzido pela guitarra ska, ska, ska.

Em meados dos anos 60, o constante progresso e as trocas sucessivas originaram o aparecimento do «rock steady», um novo tipo de música jamaicana. Esta variedade distinguiu-se por causa de um forte acento do baixo, uma predominância da percussão e um ritmo mais acentuado do que o da música inglesa e norte-americana da época.

O desenvolvimento dos sistemas de som e amplificação facilitou a profusão das festas populares coloridas e íntimas, nas quais pessoas procedentes das classes mais humildes da população encontraram momentos de descontração com a música moderna. Os sectores privilegiados, por sua vez, concorriam com os clubes, escutando a rádio, que por essa época era controlada por eles, com interpretação clássicas, baladas, «rock and roll», e uma vez ou outra, um ritmo autêntico ou uns «blues».

O «mento» era outro

(continua na pág. 7)

cional

proceder à tiragem dos 20.000 metros de películas filmados de 1974 a 1977. Por outro lado, as películas rodadas desde 1977 até à data ainda não foram reveladas por falta de divisas. Isto, segundo o responsável Sana Na' Hada, explica o facto do público ainda não poder apreciar os filmes realizados, o que constitui motivo de frustração, tanto da parte deste último, como do próprio Instituto.

quadro do Anuário Nacional da Criança, o Anuário de Edição e do Livro e do DEDIL, edita vários livros infantis, entre os quais «Mais aventuras de Lebre», Contos de uma tabanca» e este a gravura do Menino Valente».



FRANCIS BEBEY EM BISSAU

A MÚSICA NÃO É SÓ SOM...

A música, para o africano, não é uma questão de sons. Ela é antes de mais toda a expressão dos diversos aspectos da vida, ao lado de outras formas de Arte como a dança, o teatro, a poesia, a pintura, a escultura. É a expressão total que caracteriza a própria vida africana.

Isto a propósito de Francis Bebey, o camaroneiro originário de Douala, que, de guitarra clássica em punho, vimos há dias em Bissau cantando a vida e a morte, o amor e a igualdade, em espécie de «griot», o trovador africano tradicional para quem a música e a poesia tiveram sempre o mesmo significado, se inter-

penetram intimamente, e se acompanham mutuamente.

Ao reflectir, entretanto a música tradicional do continente africano, Francis Bebey busca, ao mesmo tempo, a sua integração progressiva na Arte musical universal.

É assim que encontramos numa mesma guitarra, sonoridades, percussões e ritmos africanos, melodias e harmonias extra-continente, sendo o conjunto empregue ao serviço exclusivo da Música.

Esta mesma guitarra, introduzida em África desde o séc. XV por marinheiros portugueses que exploravam a Costa Oci-

dental, tornou-se, sem contradições, no instrumento mais popular de certas regiões do continente, onde suplantou mesmo a cítara e a arpa tradicional.

As vezes em cena, Francis Bebey faz-se acompanhar por uma dançarina cujas evoluções concretizam o sentido das suas músicas, dos ritmos e do Verbo, fonte da vida.

Músico conhecedor dos valores musicais do seu continente, por os ter estudado metodicamente durante cerca de 20 anos, publicou numerosos artigos nos jornais, proferiu discursos e participou em colóquios internacionais.

Recordamos, uma obra, «Música de África», publicada nas Edições Horizontes de França em Paris.

O artista dá recitais de guitarra e poesia pelo mundo desde 1963, ano em que compôs e apresentou ao público duas das primeiras peças mestras do seu reportório actual «O Cristo nasceu em Bomba» e «Black Tears».

Aquele que em 1977, arrebatou o prémio da canção francófona não se limita contudo, só à música. Bebey é prémio Literário da África com a novela «O Filho de Agatha Moudio», traduzido em inglês, alemão,



polaco e russo. Por outro lado, realizou dois filmes, «Sonata em Som Maior» e «música Tradicional da África Negra».

Antigo responsável da música da UNESCO (Pa-

ris), Francis Bebey culminou em Bissau um périplo pela África do Oeste, depois de ter obtido um verdadeiro êxito em Libreville, Lomé, Cotonou, Abidjan e Dakar.

A idade de ouro do grande Zimbabwé - por Basil Davidson

«No coração do país ergue-se uma fortaleza de forma quadrangular, construída com pedras enormes e sem cimento a ligá-las. A muralha tem 25 palmos de espessura e a altura não é proporcional ao comprimento. Por cima da porta encontra-se uma inscrição que alguns mercadores mouros, pessoas cultas que aí se dirigiram, não puderam decifrar nem identificar. Está fortaleza está quase inteiramente rodeada de colinas sobre as quais se erguem outras construções semelhantes pela formas das pedras e pela ausência de cimento. Uma delas é uma torre que tem mais de dez toesas de altura».

Foi assim que o português João de Barros descobriu em 1552, de acordo com os testemunhos que tinha recolhido na costa, a situação do Grande Zimbabwé, na África Oriental. As ruínas deste imenso conjunto que cobre cerca de 24 hectares, chegando algumas muralhas a medir até nove metros de altura e seis metros de espessura, erguem-se ainda sobre o planalto no sudoeste da moderna cidade de Fort Victória, na Rodésia, também chamada Zimbabwé.

Duas das suas construções distinguem-se das outras. A primeira conhecida pelo nome de «Acrópole» era uma poderosa obra defensiva que se encontra no cimo da colina. A outra, chamada «Templo» ou «Construção em elipse» está em baixo, na planície. Ambas são de pedras de granito, habilmente talhadas com a forma de tijolo em «folhas» largas de rochas que nivelam o planalto. Podem ainda ver-se galerias subterrâneas com abóbada de madeira e passagens fechadas. As muralhas do recinto são encimadas por um friso de caibro.

UM MITO QUE PERSISTE

Os primeiros Europeus que nos anos 1860 e 1870 descobriram estas ruínas eram caçadores e exploradores vindos da África do Sul. De regresso ao seu país, falavam das imponentes ruínas que tinham encontrado na selva, onde ninguém se tinha ainda aventurado a entrar. Quando se verificou que se podiam encontrar magníficos objectos de ouro, outros se dirigiram por sua vez para lá e assistiu-se a uma pequena corrida em direcção ao ouro.

Os arqueólogos amadores que visitavam o local

recusavam, no entanto aceitar que estas construções pudessem ter sido edificadas pelas populações locais. Atribuíam a sua autoria «a homens vindos de além-mar».

Outros atribuíam-na aos Sabeus, afirmando que a rainha do Sabá tinha procurado aí ouro que levou ao rei Salomão; outros atribuíam-na aos Fenícios. Em geral todos recusavam a tese da construção ter sido feita pelos povos indígenas. Esta ideia ainda persiste nos nossos dias. No Museu de Salisbúria por exemplo, os objectos que foram descobertos nas ruínas do Zimbabwé têm a indicação «de proveniência desconhecida».

Porém, os testemunhos arqueológicos e científicos provam o contrário. Em 1905, a Associação Britânica para o desenvolvimento das Ciências encarregou o egiptólogo David Randall-MacIver de estudar estas estranhas ruínas «fenícias» ou sabeias».

Arqueólogo de grande valor, MacIver concluiu que o Grande Zimbabwé datava da Idade Média ou de uma época posterior e que era obra de uma população indígena, os antepassados do povo Shona.

«Esta arquitectura, militar ou civil, não apresen-

ta o menor vestígio de estilo oriental ou europeu, qualquer que seja a época», declarou; pelo contrário, acrescentou, «o estilo das casas que estão no interior das muralhas de pedra, de que constituem parte integrante, é incontestavelmente africano».

Os colonos, no entanto, recusavam render-se à evidência. Seguiu-se uma larga controvérsia e, em 1929, a Associação Britânica enviou uma segunda equipa, dirigida pela senhora Gertrude Caton-Thompson, que ainda se encontra viva. Passados dois anos de investigações extremamente aprofundadas, esta expedição confirmou a conclusão de Randall MacIver. Segundo a senhora Caton-Thompson, «o exame de todos os testemunhos não forneceu um único elemento que permita anular a tese de que há uma origem africana». E acrescentou: «É-me impossível subscrever a opinião muitas vezes manifestada de que o Zimbabwé teria sido edificado por indígenas sob a orientação de mestres estrangeiros de raça superior».

Alguns continuaram a contestar estas conclusões. Mas uma terceira vaga de investigadores arqueológicos, na década

de 1950, trouxe provas irrefutáveis. Conhecia-se então muito melhor a história africana e os investigadores tinham a extraordinária vantagem de poder recorrer aos testes de carbono 14.

Sabe-se que estes testes, levados a cabo pelo americano, William Libby, permitem aos arqueólogos, ao medir o grau de radio-actividade das matérias carbonadas, tais como a madeira ou o metal, determinar a data aproximada dos vestígios. No caso de Grande Zimbabwé, os testes mostraram que a construção em pedra tinha sido começada por volta de 1100 para atingir o seu ponto culminante por volta de 1450.

Testemunhos complementares de crónicas portuguesas dos séculos XV e XVI e achados arqueológicos, tais como pérolas de proveniência do Oceano Índico e fragmentos de porcelanas chinesa e de cerâmica persa vieram confirmar estes dados. Foi assim possível datar de forma bastante exacta cerca de duas centenas de ruínas em pedra, entre as quais se incluem as do Grande Zimbabwé, as mais importantes e grandiosas, descobertas sobre o planalto rodesiano e nas regiões vizinhas de Moçambique e Transval.

OS ANTEPASSADOS DOS SHONA

Actualmente a maior parte dos especialistas estão de acordo quanto ao facto de se ter de atribuir estas ruínas a uma civilização que utilizava o ferro e explorava o ouro, e que se julga ter sido fundada entre os séculos IV e XII da nossa era por agricultores bantos provenientes da região do Katanga a cerca de 800 km para o Norte. Estas populações eram antepassados dos Shona do actual Zimbabwé. À medida que se desenvolviam os seus recursos agrícolas e mineiros e que prosperava o comércio com a costa, dotaram-se de sistemas políticos e económicos mais vastos. Alguns dos seus chefes ou dos seus ministros religiosos tornaram-se soberanos deificados e por volta do século XIV toda a região dos planaltos do ouro passou a ficar sob a dominação de um único soberano-deus que tinha a sua sede no Grande Zimbabwé ou vassallos que lhes eram fiéis.

Depois do século XV, o Grande Zimbabwé perdeu progressivamente a sua predominância política e económica, mas manteve-se aos tempos modernos como um grande centro de culto para o povo Shona.

Drama dos países desenvolvidos

Como poupar petróleo como substituí-lo

Os países membros da Agência Internacional de Energia aprovaram um programa de desenvolvimento das fontes alternativas previsto para custar 130 milhões de dólares e para ser aplicado pela conjugação de esforços dos 17 países da AIE e da Comunidade Económica Europeia.

Esse programa desdobra-se em nove novos acordos incidindo sobre a tecnologia do carvão, da energia solar, a energia de fusão, energia geotérmica, energia eólica e produção de hidrogénio. Paralelamente, estudos estão a ser aprofundados no sentido de explorar a aplicação da tecnologia disponível a curto e a médio prazo, avançar na exploração de tecnologia de transição, insistir nos recursos renováveis susceptíveis de uma mais larga aplicação e, finalmente, pesquisar outras fontes de energia renovável.

A curto e médio prazo pretende-se melhorar os processos industriais, aumentar o rendimento dos veículos a motor de explosão, melhorar a utilização do calor residual pela sua melhor conservação no ambiente e o isolamento das casas de habitação. Além disso, pretende-se intensificar a recuperação de produtos petrolíferos, melhorar os processos de utilização do carvão em especial no aquecimento de escolas. Quanto à tecnologia de transição ela passa pela utilização nova dos xistos betuminosos e das areias asfálticas, pela utilização industrializada do carvão (pela sua conversão em gás) e pelo estudo dos problemas relativos aos combustíveis nucleares, nomeadamente a segurança e a evacuação dos detritos radioactivos.

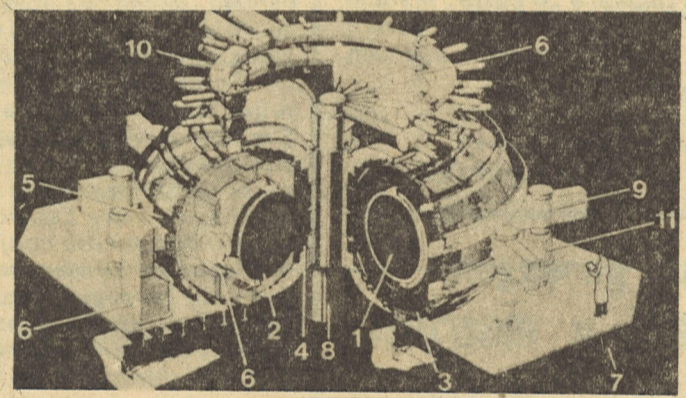
Os recursos renováveis que são susceptíveis de mais intensa aplicação são a utilização em grande escala da energia solar e da energia geotérmica. Restam visível no horizonte novas formas de utilização da energia, das ondas marítimas, do vento e das oscilações de temperatura marítima.

O CARVÃO

No lote de novos acordos assinados em 1974 pela AIE dois deles versam especificamente sobre o carvão como fonte de energia. Constatam de uma declaração de intenções dos Estados Unidos e da Alemanha Federal para iniciar dois programas piloto. Um, situado nos Estados Unidos e com uma despesa prevista de 50 milhões de dólares destina-se a refinar combustíveis líquidos derivados do carvão; o outro, cujo custo inicial foi estimado em 12 milhões de dólares, está em aplicação nas fábricas Volklingen, no Sarre (RFA) e trata-se da gaseificação do carvão.

Participam neste projecto a Alemanha Federal, Austria, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Itália, Reino Unido, Suíça e Suécia.

O projecto pretende comparar a utilidade de duas técnicas distintas e escolher a mais aplicável em função dos resultados obtidos. A primeira, chamada «sistema colector descentralizado» abrange um parque de aproximadamente oito hectares contendo um grande número de espelhos de curta distância focal nos quais será concentrada a energia dos raios solares e canalizada por um «fluido portador de calor» (fluido, esse, líquido ou gasoso) para fazer trabalhar um motor térmico



Reactor experimental «TOKAMAK» para transformar certas formas de energia contidas na água do mar. O plasma, resultante da decomposição da água é transportado para o interior de uma câmara de vácuo (número 1 e 2 da gravura) para ser transformado em energia eléctrica.

Com estes dois projectos-piloto pensa-se tornar rentável, industrialmente, a produção e utilização de um gás derivado do carvão e que não obstante o seu reduzido poder calorífico pode ser aplicado directamente em centrais eléctricas. Simultaneamente, no quadro desta cooperação, Estados Unidos-Alemanha Federal, correm experiências para a liquefacção do carvão principalmente para o aquecimento de habitações.

A ENERGIA SOLAR

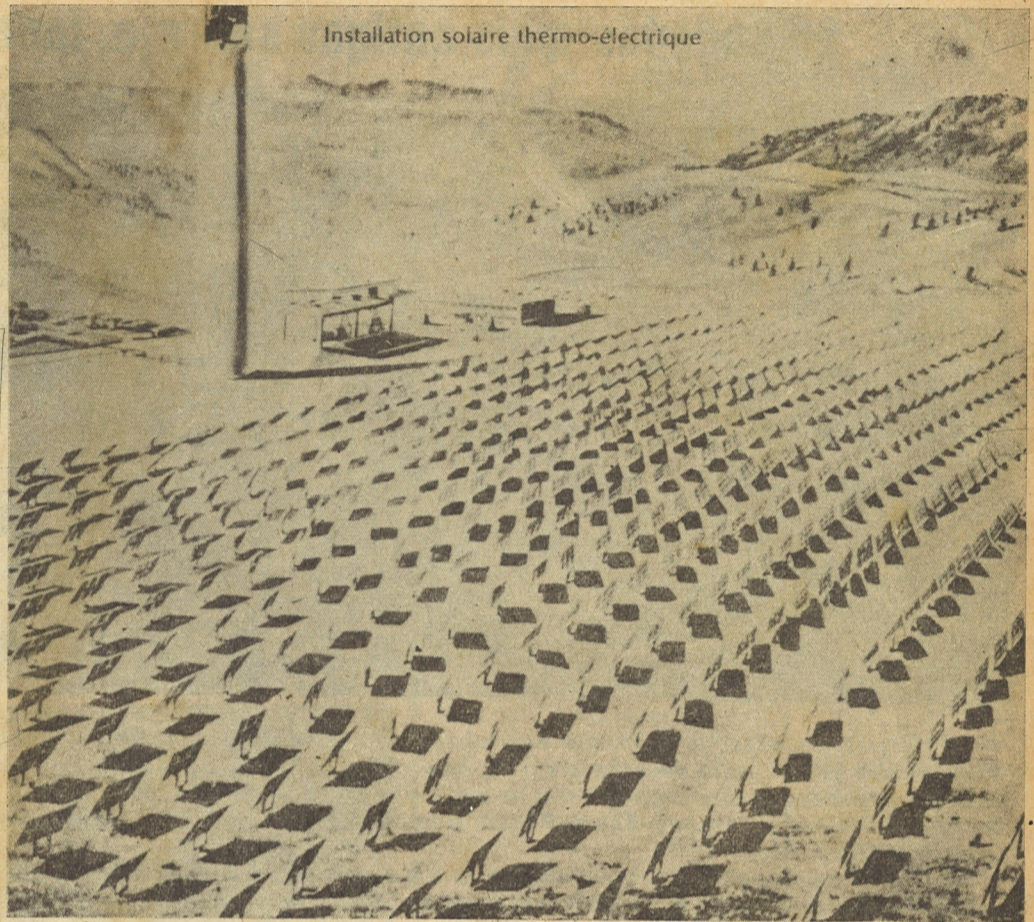
Uma primeira etapa foi ultrapassada pela associação de 16 países na instalação de um projecto de demonstração no Sul de Espanha destinado a produzir electricidade, com uma potência de 500 KW a partir da energia solar.

produtor de energia.

A segunda experiência, designada «sistema receptor centralizado» aponta para a utilização de um só receptor situado sobre uma torre central à volta da qual ficarão dispersos uma série de espelhos num espaço igualmente de oito hectares. Estes espelhos de grande dimensão (ou heliostatos) reflectem a energia solar para o receptor central de maneira a aquecer um fluido portador de calor que porá em marcha o gerador.

A ENERGIA DE FUSÃO

Este processo de obtenção de energia está a merecer toda a prioridade aos países membros da Agência Internacional de Energia pois tem como matéria prima uma substância existente na água



Instalação solar termo-eléctrica no sul de Espanha.

do mar o que torna o seu aproveitamento barato e praticamente inesgotável.

Este processo consiste em controlar a fusão por redução magnética mas há ainda problemas científicos a resolver e, sobretudo, problemas de engenharia a ultrapassar.

Este processo baseia-se num dispositivo denominado «tokamaks» que utiliza os campos magnéticos poloidais para reduzir e aquecer o plasma existente na água do mar e no qual tem lugar a reacção por fusão.

O problema fundamental é obter todas as condições necessárias a uma produção líquida da energia de fusão. Os investigadores necessitam, entre outros elementos, de imãs supracondutores extremamente poderosos e de materiais capazes de resistir a altíssimas temperaturas.

O projecto tem a duração de seis anos e implica, principalmente, a criação de uma fábrica para testar imãs gigantes supracondutores necessá-

rios para por a funcionar os reactores de fusão. O custo orçado é de 39 milhões de dólares, no mínimo.

Estão envolvidos a Euratom, a Suécia e a Suíça que fabricam as bobinas magnéticas supracondutoras que serão experimentadas nas instalações americanas.

Outro projecto, previsto para nove anos e directamente ligado ao anterior, está em desenvolvimento no Canadá, nos Estados Unidos, na Suécia e na Turquia. Custa 18 milhões e destina-se à construção de um banco de ensaios de plasma a instalar na Alemanha Federal.

A Euratom e a Alemanha financiam a construção de um dispositivo experimental de plasma que contribua para testar os materiais resistentes às temperaturas elevadas dos futuros reactores de fusão.

ENERGIA EÓLICA E GEOTÉRMICA

A energia geotérmica

já é aproveitada nalguns países, nomeadamente na Islândia. Trata-se de aproveitar a calor das rochas subterrâneas e as massas líquidas e gasosas existentes no interior da terra.

A energia eólica, isto é, a resultante da força do vento, é aproveitada desde os tempos mais remotos da humanidade em moinhos que caracterizam a paisagem de muitos países, especialmente na Holanda.

O problema está em pôr a funcionar geradores de grandes dimensões susceptíveis de produzir um mínimo de 1 a 5 MW. Os países que aplicam este projecto são a Alemanha, a Dinamarca, Estados Unidos, Canadá, Países Baixos e a Nova Zelândia.

A produção de hidrogénio, a partir da água, já hoje se usa em pequena escala. Impõe-se agora pôr a funcionar instalações susceptíveis de produzir energia industrializada, a partir da termoquímica e a construir um reactor nuclear de alta temperatura utilizável como fonte de calor com o hidrogénio como combustível.

Reggae: uma criação do povo

(continuação das centrais)

rítmo jamaicano escutado e interpretado nas festas populares da capital e em algumas localidades do interior do país, pelo que foi perdendo relevo como veículo de expressão artística.

Tal como sucedeu ao Jazz na sua época, o «reggae» tampouco foi aceite facilmente pelas camadas privilegiadas da sociedade, pelo que teve de manter-se durante muito tempo no anonimato.

CARACTERÍSTICAS ACTUAIS

Desde o seu nascimento, o «reggae» tem estado a evoluir-se, e a sua «agressividade» não só se deve aos instrumentos, como também ao cantor, com a sua própria voz.

O «reggae» é o resultado do desenvolvimento superlativo de determinadas formas rítmicas e da utilização de um baixo mais forte, juntamente com o golpe da guitarra em tons agudos de «staccato», contrapontando com o baixo.

Segundo a especialista Pamela O'Gorman, «as canções do «reggae» não têm princípio, meio (cli-

max) nem fim e, como os blues, que possuem também a mesma característica, aparta-se do sentido temporal pós-renacentista, e neste é essencialmente europeu».

Para outro musicólogo jamaicano, o «reggae» pode ser descrito como «uma parte do «rock steady», uma parte do «mento» e a metade do tempo do ska; tudo está bem misturado ao calor das áreas pobres do sector oeste de Kingston e fervido com uma crescente consciência social. Jamaica, sem dúvida, entrou nos anos 70 com o «reggae» em plena ebulição».

As pegadas mais antigas sobre a face da terra



Essas pegadas, preservadas em cinzas vulcânicas durante 3,6 milhões de anos, revelam que os humanóides já andavam erectos meio milhão de anos antes do que se supunha, de acordo com provas fósseis anteriores. Essas pegadas são as mais antigas marcas conhecidas deixadas por seres semelhantes ao homem sobre a face da Terra. Foram descobertas na região de Leetoli, na Tanzânia, pela Dra. Mary Leakey, antropóloga.

A antropóloga ainda não chegou a uma conclusão sobre se as pegadas foram deixadas por duas pessoas andando lado a lado ou uma atrás da outra. As marcas foram recobertas com areia negra para torná-las mais visíveis.

Lembrança moranço

por Maria Velho da Costa

Menino, eu não quero sair agora mais da minha terra, que agora parece uma terra como todas as outras, nem mais nem menos amada que algumas poucas outras — preferida depois do uso duro — a gente não pode preferir toda a cara, seja de gente ou de nação. Agora

vou ficar quieta para trabalhar na minha vida como em tabanca reavida a vassojar, sem plantar lá fora só de arroz ou só de mancarra, apalpando, devagarinho, a fundura do meu chão. Há que pescar da paciência, as águas já não espumam, macaréu findou. Gazela

também aqui já pode vir de focinho molhado, cação anda de barriga baixa.

Mas aí, ia. Cá não há flamingos encarnados à borda das águas, nem lagartos de salto, nem camaradas bichos bravios a voltar ao seu natural dos dias todos no verde. Nem falares de mezinho e irá a mudarem para feitos com letras na memória. Cá está tudo muito feito. Bonito também é, tão cheio de vilas, tão cansado da guerra. Mas dá saudade de uma terra que parece uma flor toda de novo a abrir mansinha na água e a fechar-se para

a noite quando só gente bonita como a tua é que tem tanto frio.

Gente azul, gente ao léu, com o bonezinho de lã de Cabral e o jeito dele ensinar a perguntar até ao fim, em português e crioulo e os dois onde fosse bom falar explicado e simples.

Guiné-Bissau, mãe menina molhada do romper de águas, sorriso verde, do nosso maior bem a passo e a custo, mandamos-te rosas vivas para o teu chão pronto, que vem aí janeiro.

Dezembro de 1976

No rasto da tua passagem

Silenciaste a minha razão,
Na razão das tuas leis.
Sufocaste a minha cultura,
Na cultura da tua cultura.
Abafaste as minhas revoltas
Com a ponta da tua baioneta.
Subjugaste a minha alma
Na fé da tua religião.
Torturaste o meu corpo
Nos grilhões do teu império.

Saqueaste,
Pilhaste,
Assassinaste,

Minha terra,
Minha gente,
Banhada em sangue;
Escorraçada,
Exangue.

Brutalmente colonizaste na ambição da tua grandeza.
Barbaramente civilizaste na demagogia da tua grei.

Na ponta da tua baioneta
Assinalaste o rasto da tua passagem.
Na ponta da baioneta
Marcarei na história
A forma da minha libertação.

Francisco Borja da Costa

— Membro do CC da FRETILIN, assassinado em Timor Leste nas primeiras horas da invasão de Timor Leste, no dia 7 de Dezembro de 1975.

Poluição mata milhares de pessoas

Tóquio — A poluição nas periferias das cidades japonesas está a tornar-se num dos mais graves problemas que o governo de Tóquio enfrenta.

Segundo dados oficiais, mais de 60 mil pessoas são vítimas de doenças originadas pela poluição.

Nos últimos cinco anos, ainda segundo dados oficiais, registaram-se duas mil mortes provocadas por essas doenças. (A.P.N.)

A moderna Torre de Babel

Quantos idiomas se falam no nosso planeta? Eis uma das perguntas a que, há até bem pouco tempo, muitos sábios não podiam responder. Investigações linguísticas exaustivas permitiram concluir, com elevada margem de exactidão, que na Terra se falam actualmente 5.651 idiomas.

Durante essas investigações, constatou-se que cerca de 1.400 línguas se encontram em vias de extinção, por serem faladas por um número insignificante de pessoas. Cerca de dois mil, terços dos idiomas conhecidos não possuem alfabeto próprio. Averigou-se também que as regiões onde se falam mais línguas, são os Himalaias (160 línguas) na Ásia, a bacia do Níger (280 línguas) na África, e o território dos Papuas (1.010), na Nova Guiné.

Fumo mortal

WASHINGTON — «A mortalidade causada pelo cancro pulmonar está a atingir, no Estado do Texas, (USA) proporções de uma verdadeira epidemia», declarou, recentemente, um representante do Centro de Investigação de Doenças Cancerosas, da Universidade do Texas.

Entre 1969 e 1976, o número de mortes resultantes desta doença aumentou 53 por cento. Simultaneamente, a natalidade, nesta região, aumentou apenas 14 por cento no mesmo período. A percentagem de casos de cancro nos pulmões é, só neste Estado, muito superior aos Estados Unidos, no seu conjunto.

Segundo os cientistas, a doença está particularmente propagada nos locais situados junto dos centros petrolíferos, cujos proprietários não se preocupam, minimamente, em combater a poluição atmosférica. (A. P. N.)

Centrais nucleares não resistirão a um sismo violento

As centrais nucleares não resistirão a um sismo violento, revelou recentemente Haroun Tezieff, especialista francês em matéria de vulcões, numa entrevista publicada pelo jornal regional «La République des Pyrénées».

«O poderoso complexo de Tricastin (ao sul de Lyoow) está situado no pior lugar. Três grandes sismos já ali se verificaram e os que se fizeram sentir quebrarão o betão das centrais, das fábricas de tratamento de mineral irradiado e dos centros de armazenamento», acrescentou.

Tazieff precisou ainda que os edifícios foram «construídos para resistir a choques de intensidade 8 (na escala internacional, que se vai até 12 mas não de intensidade 8 ou 10)».

Entretanto, o governo sueco decidiu autorizar que dois novos reactores, os números 7 e 8 do programa electonuclear sueco, fossem carregados. A decisão não será levada à prática antes do referendo sobre a questão nuclear a realizar no próximo ano.

Contudo, esta decisão implica que o governo considera satisfatórias as condições de segurança requeridas pela lei que regula o armazenamento definitivo de lixo radioactivo no subsolo.

1980

Nô Pintcha

Deseja a todos

FELIZ

ANO

NOVO